



CADERNO DE RESUMOS

II SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM ARTES,
URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE – SIPAUS

ARTE E SUSTENTABILIDADE NA CULTURA POPULAR DA CIDADE



**Campus Tancredo de Almeida Neves (CTAN) – São João del-Rei
de 02 a 04 de julho de 2025**

ISBN 978-65-88228-53-1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ

Reitor: Prof. Dr. Marcelo Pereira de Andrade

Vice-reitora: Profa. Dra. Rosy Iara Maciel de Azambuja Ribeiro

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPE

Pró-reitor: Prof. Dr. André de Oliveira Baldoni

PROGRAMA INTEDEPARTAMENTAL DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ARTES, URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE – PIPAUS

Coordenadora: Profa. Iara Freitas Lopes

II SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM ARTES, URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE - SIPAUS

Arte e Sustentabilidade na Cultura Popular da Cidade

De 02 a 04 de julho de 2025

Campus Tancredo de Almeida Neves – CTAN

São João del-Rei

<https://pipaus.ufsj.edu.br/sipaus2025/>

https://www.instagram.com/sipaus_ufsj

EQUIPE ORGANIZADORA

Prof. Dr. Mucio Tosta Gonçalves

Prof. Dr. Flávio Luiz Schiavoni

Disc. Lilian Cristina de Almeida Silva

Disc. Marcelo José Silva

Disc. Thiago Luiz Guimarães Caetano

Disc. André Luís de Oliveira

Disc. Bernardo Martins Corrêa D'Abreu e Costa

EQUIPE DE SUPORTE**Credenciamento**

Disc. Débora Brancaglião, disc. Sâmia Simas Santos e disc. Thiago Luiz Guimarães Caetano

Coordenadores das sessões

Disc. Marcelo José Silva e disc. Lilian Cristina de Almeida Silva

Design.

Disc. Maria Eduarda Malvar Porto e Disc. Bernardo Martins Corrêa D'Abreu e Costa

Cerimonialista:

Disc. Sâmia Simas Santos

Webmaster

Disc. Bernardo Martins Corrêa D'Abreu e Costa

Comunicação e cobertura do evento

Mosaico Comunicação Jr. UFSJ

Diagramação

Marcelo José Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seminário Interdisciplinar de Pesquisa em Artes,
Urbanidades e Sustentabilidade (2. : 2025 :
São João del-Rei, MG)
II Seminário Interdisciplinar de Pesquisa
em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade - SIPAUS
[livro eletrônico] : arte e sustentabilidade na
cultura popular da cidade : caderno de resumos /
[organizadores Mucio Tosta Gonçalves...[et al.]]. --
São João del-Rei, MG : Universidade Federal de São
João del-Rei, 2026.
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Flávia Luiz Schiavoni,
Lilian Cristina de Almeida Silva, Marcelo José
Silva, Thiago Luiz Guimarães Caetano, André Luís
de Oliveira, Bernardo Martins Corrêa D'Abreu e
Costa.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88228-53-1

1. Arte - Congressos 2. Cultura e sociedade
3. Expressão cultural 4. Urbanismo - Aspectos
sociais I. Gonçalves, Mucio Tosta. II. Schiavoni,
Flávio Luiz. III. Silva, Lilian Cristina de Almeida.
IV. Silva, Marcelo José. V. Caetano, Thiago Luiz
Guimarães. VI. Oliveira, André Luís de. VII. Costa,
Bernardo Martins Corrêa D'Abreu e.

26-372727.1

CDD-701

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Congresso 701

SUMÁRIO

PRÓLOGO	1
PROGRAMAÇÃO	2
DIA 02 DE JULHO DE 2025 (QUARTA-FEIRA)	15
SESSÃO DE ARTIGOS 01:	16
ADAPTAR, PERTENCER E SUSTENTAR: MODOS DE MORAR NA AMÉRICA DO SUL	17
CIDADES SUSTENTÁVEIS E LINGUAGEM: A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL COMO PILAR DA URBANIDADE CONTEMPORÂNEA	19
TECNOLOGIA, CIDADES SUSTENTÁVEIS E O FUTURO DA HUMANIDADE	20
DOENÇAS INFECCIOSAS, CIÊNCIA E POLÍTICA PÚBLICA: PERSPECTIVA INTEGRADA ENTRE SAÚDE COLETIVA E ECOLOGIA URBANA	22
URBANIDADE E SUSTENTABILIDADE: MEMÓRIAS QUE MOLDAM O FUTURO DAS CIDADES	24
A ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL COMO DISPUTA NO CAMPO DAS POLÍTICAS HABITACIONAIS DE SÃO JOÃO DEL-REI/MG	26
SESSÃO DE ARTIGOS 02:	27
MULHERES E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO PERIFÉRICO EM SÃO JOÃO DEL REI	28
ENTRE MUROS E MEMÓRIAS: O PIXO NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO JOÃO DEL-REI	30
A CULTURA MATERIAL NAS AULAS DE ARTES DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. ESTUDO DE CASO EM SÃO JOÃO DEL REI	32
ZINE E PATRIMÔNIO CULTURAL: MAPEANDO TERRITÓRIO, FRUIÇÃO, DIFUSÃO E PERTENCIMENTO	34
A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FORMIGA/MG: LEITURA ESPACIAL E SIMBÓLICA	36
O CAMINHO DAS BOIADAS E O POVOAMENTO DO SERTÃO	39

REINADO, CIDADE E FESTA: REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA POPULAR EM OLIVEIRA, MG	42
SESSÃO DE ARTIGOS 03	44
SUSTENTABILIDADE, RECIPROCIDADE E INTEGRAÇÃO REGIONAL: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL SOBRE O MERCOSUL	45
SUSTENTABILIDADE E LIBERDADE FEMININA: INTERSEÇÕES ENTRE JUSTIÇA SOCIAL E AGENDA 2030	47
A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E A CRISE AMBIENTAL: DIÁLOGOS ENTRE MARCUSE, SUSTENTABILIDADE E NOVA SENSIBILIDADE	49
A TRAGÉDIA COMO RESISTÊNCIA: NIETZSCHE, ARTE E SUSTENTABILIDADE NA CULTURA POPULAR	50
POÉTICAS DA SUSTENTABILIDADE NA FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO	52
NATIVA: GESTO FOTOGRÁFICO COMO EXPERIÊNCIA DE CUIDADO	55
SESSÃO DE ARTIGOS 04	56
CERÂMICA GEEK	57
OS NEGROS NA HISTÓRIA DA ARTE	58
A TEORIA DA SEMIÓTICA COMO INDUTORA DO PROCESSO CRIATIVO. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRABALHOS DA UNIDADE CURRICULAR "LINGUAGEM NÃO VERBAL"	60
A INSUSTENTÁVEL DUREZA DA MOEDA NO REGISTRO DA ARTE: NOTAS SOBRE DINHEIRO E ARTE NO CAPITALISMO	62
HABITAR PARA CRIAR: A CASA DO ARTISTA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL NA CIDADE CONTEMPORÂNEA	64
CORPO, RITMO E RAÍZES: O PROCESSO CRIATIVO DA COMISSÃO DE FRENTE DE UMA ESCOLA DE SAMBA DE PERIFERIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A VALORIZAÇÃO DAS TRADIÇÕES CARNAVALESCAS E DA IDENTIDADE COMUNITÁRIA	65
DIA 03 DE JULHO DE 2025 (QUINTA-FEIRA)	67
SESSÃO DE ARTIGOS 05	68
DO TERRITÓRIO AO PROJETO: ARQUITETURA COMO ATO POLÍTICO E POÉTICO DE RESISTÊNCIA	69

ANASTÁCIA: PROTAGONISMO NEGRO E AUTORREPRESENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS VISUALIDADES	71
CORPOS, TERRITÓRIOS E NARRATIVAS DE MULHERES: CINEMAS, RURALIDADES E RESISTÊNCIAS AO PATRIARCADO	72
O CAMPO ESCOLAR E O CAPITAL SIMBÓLICO: PRAXIOLOGIA DA EDUCAÇÃO EM BICHINHO/MG	73
UM OLHAR SOBRE O CAMPO CEGO	74
REFLEXÃO SOBRE O MÉTODO IN(TER)DISCIPLINAR	75
SESSÃO PARA APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA	77
PROGRAMA CAMINHOS SUSTENTÁVEIS: AÇÕES DE EXTENSÃO A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA, BIOCONSTRUÇÃO E ARTES.	78
PERMACULTURA, BIOCONSTRUÇÃO, PATRIMÔNIO E ARTES: AS AÇÕES DO PROGRAMA SABERES DA TERRA.	79
PROGRAMA CAMINHOS SUSTENTÁVEIS E BAMBRINQUE: ESTUDO E PRODUÇÃO DE BRINQUEDOS DE BAMBU.	80
SESSÃO DE ARTIGOS 06	81
GARIMPO URBANO: MATERIAIS ENCONTRADOS COMO MATÉRIA-PRIMA DE VIDRADOS CERÂMICOS DE ALTA TEMPERATURA	82
MINECRAFT: DE JOGO INDEPENDENTE A UMA PODEROSA FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	83
DESCOMPLICANDO A PRODUÇÃO MUSICAL: DAWS LIVRES COMO FERRAMENTAS DE APRENDIZADO E CRIAÇÃO PARA ARTISTAS INDEPENDENTES	84
ECO: CACOS DO SOM	85
ESPACIALIDADE ECOPOÉTICA CATIVA: CONSTRUÇÃO DE ESPACIALIDADE ECOPOÉTICA EM PROL DA ECOLOGIZAÇÃO RIZOMÁTICA DO PENSAMENTO	86
CONHECIMENTO E SABERES: DIVULGANDO CIÊNCIA POR MEIO DO AUDIOVISUAL	87
DIA 04 DE JULHO DE 2025 (SEXTA-FEIRA)	89
SESSÃO DE ARTIGOS 07	90

Caderno de resumos

A HETEROIDENTIFICAÇÃO COMO MEIO PARA GARANTIR A EFETIVIDADE DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS: REFLEXÕES PARA A POLÍTICA INSTITUCIONAL DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO DA UFSJ	91
CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE NOS CAMPOS DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA, CIÊNCIAS HUMANAS E CIÊNCIAS SOCIAIS	96
CIDADES SUSTENTÁVEIS E LINGUAGEM: A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL PARA CIDADES MAIS HUMANAS	98
A CULTURA NA PRAÇA DO ROSÁRIO EM LAVRAS, MG: A RELAÇÃO DO ESPAÇO COM O MUNICÍPIO	100
A REPETIÇÃO COMO PRINCÍPIO ESTÉTICO E DESESTABILIZADOR NA MÚSICA, ARTE E CULTURA	101
UNIÃO EUROPEIA: O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL E A HARMONIZAÇÃO DE POLÍTICAS AMBIENTAIS ENTRE SEUS ESTADOS-MEMBROS	102

PRÓLOGO

Apresentamos o caderno com os resumos submetidos para o II Seminário Interdisciplinar de Pesquisa em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (SIPAUS), que ocorreu entre os dias 02 e 04 de julho de 2025, no Campus Tancredo de Almeida Neves da Universidade Federal de São João del-Rei, em São João del-Rei, MG.

O Seminário foi organizado por discentes e docentes do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) com contribuição de discentes do Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação/UFSJ, no âmbito da disciplina *Seminário de Projeto Transdisciplinar 2: Seminário de Organização de Seminários*, ofertada no primeiro semestre de 2025 pelos professores Dr. Mucio Tosta Gonçalves e Flávio Luiz Schiavoni, tendo um prazo de três meses para a concepção e organização do evento, devido ao calendário de reposição das aulas devido à greve de 2024.

O seminário teve como objetivo discutir e apresentar trabalhos que estejam relacionados às linhas de pesquisa que estruturam o PIPAUS (*Linha 1 - Processos Criativos; Linha 2 - Processo de Difusão: Popularização, Educação e Aplicabilidade; Linha 3 - Recepção, Crítica e Experiência: Narrativas Contemporâneas*) e recebeu trabalhos não somente de discentes do PIPAUS, mas também de autores de diferentes instituições e com diferentes graus de formação.

Para esta edição, propusemos que as discussões fossem orientadas pelo tema “Arte e Sustentabilidade na Cultura Popular da Cidade”, por entendermos que valorização e proteção da diversidade das manifestações populares é uma ação sustentável. E que isso está ameaçado na atualidade por visões que privilegiam apenas uma, de tantas manifestações de nossa rica cultura.

Nesta edição, recebemos a contribuição de 67 autoras (es) que submeteram 46 resumos que foram apresentados em sete sessões e estão compilados neste caderno. Também tivemos uma sessão para a apresentação dos grupos de pesquisa dos professores que compõem o curso e três mesas redondas para debatermos as perspectivas para as linhas de pesquisa que estruturam o programa.

Além disso, tivemos mostras artísticas, com trabalhos audiovisuais e obras em diferentes técnicas e suportes, uma sessão para a conversa com membros da comunidade externa sobre o tema de nosso evento e no último dia, tivemos ainda uma palestra com a Professora Filomena sobre heteroidentificação e o lançamento oficial da Comissão Institucional de Inclusão, Diversidade, Pertencimento/Permanência e Sustentabilidade da UFSJ.

Agradecemos ao PIPAUS e à UFSJ pela oportunidade e apoio recebido para a realização do evento, às/aos autores que submeteram seus trabalhos e estiveram conosco durante as sessões de apresentação e aos membros da comunidade externa que também estiveram conosco na realização do evento enriquecendo nosso debate. Esperamos que este seja e se mantenha como um espaço para novas e frutíferas trocas.

Comissão Organizadora do II SIPAUS

São João del-Rei, setembro de 2025

PROGRAMAÇÃO

DIA 02 DE JULHO DE 2025 (QUARTA-FEIRA)

MESA REDONDA LINHA 01:

Das 08:30 às 10:00

Tema: Arte e sustentabilidade na cultura popular da cidade, a partir da linha 01 do PIPAUS

Conferencista:

Profa. Dra. Fernanda Nascimento Corghi
DAUAP – PIPAUS/UFSJ.

SESSÃO DE ARTIGOS 01:

Das 10:30 às 12:00

TEMA: Sustentabilidade Urbana e Políticas Públicas

ARTIGOS:

- Adaptar, pertencer e sustentar: modos de morar na América do Sul
Autoria: *Amon Christian Lasmar*
- Cidades sustentáveis e linguagem: a comunicação intercultural como pilar da urbanidade contemporânea
Autoria: *Delton Mendes Francelino, Maria Eduarda Malvar Porto e Adilson Roberto Siqueira*
- Tecnologia, cidades sustentáveis e o futuro da humanidade
Autoria: *Delton Mendes Francelino, Caren Siqueira Ferreira, Laynara Patrícia e Ribeiro Pereira e João Victor Silva Abreu*
- Doenças infecciosas, ciência e política pública: perspectiva integrada entre saúde coletiva e ecologia urbana
Autoria: *Delton Mendes Francelino*
- Urbanidade e sustentabilidade: memórias que moldam o futuro das cidades
Autoria: *Maria Cristina Alves Pereira, José Wilson Almeida Macedo Júnior*
- A assistência técnica para habitação de interesse social como disputa no campo das políticas habitacionais de São João del-Rei/MG
Autoria: *Luíza Queiroz Barroso, Leandro Garcez Targa e Tatiane Marina Pinto de Godoy*

SESSÃO DE ARTIGOS 02:

Das 13:30 às 15:00

TEMA: Identidade, Cultura e Resistência em São João del-Rei

ARTIGOS

1. Mulheres e produção do espaço urbano periférico em São João del Rei
Autoria: *Sâmia Simas Santos, Tatiane Marina Pinto de Godoy, Leandro Garcez Targa.*
2. Entre muros e memórias: o pixo no centro histórico de São João del-Rei
Autoria: *Júlia Maria Pereira Rodrigues*
3. A cultura material nas aulas de artes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Estudo de caso em São João del Rei
Autoria: *Regilan Deusamar Barbosa Pereira*
4. Zine e patrimônio cultural: mapeando território, fruição, difusão e pertencimento
Autoria: *Jacqueline Bittencourt Araújo, Júlia Gruber Santana*
5. A igreja de Nossa Senhora do Rosário de Formiga/MG: leitura espacial e simbólica
Autoria: *Marcelo José Silva, Adriana Gomes do Nascimento, Cláudio Márcio do Carmo*
6. O Caminho das Boiadas e o povoamento do sertão
Autoria: *Marília Ávila Carvalho e Adriana Gomes do Nascimento*

SESSÃO DE ARTIGOS 03

Das 15:30 às 17:00

TEMA: Sustentabilidade, Arte e Filosofia

ARTIGOS:

1. Sustentabilidade, reciprocidade e integração regional: uma perspectiva decolonial sobre o Mercosul
Autoria: *Delton Mendes Francelino e Laynara Patrícia e Ribeiro Pereira*
2. Sustentabilidade e liberdade feminina: interseções entre justiça social e agenda 2030
Autoria: *Flávia Aparecida Pereira e Delton Mendes Francelino*
3. A estética da existência e a crise ambiental: diálogos entre Marcuse, sustentabilidade e nova sensibilidade
Autoria: *Cleiterson Paulo dos Santos*
4. A tragédia como resistência: Nietzsche, arte e sustentabilidade na cultura popular
Autoria: *Valéria Ceranto Ribeiro*
5. Poéticas da sustentabilidade na fotografia de Sebastião Salgado

Autoria: Maria Cristina Alves Pereira, Adriana G. Nascimento

6. Nativa: gesto fotográfico como experiência de cuidado

Autoria: Natália Roberta Chagas Nogueira

MESA REDONDA DE ABERTURA

Das 17:00 às 18:30

TEMA: Arte e sustentabilidade na cultura popular da cidade.

Conferencistas:

Profa. Dra. Adriana Nascimento

DAUAP – PIPAUS/UFSJ

Prof. Dr. Adilson Roberto Siqueira

DEACE – PIPAUS – PPGAC/UFSJ

Convidados:

Prof. Dr. Marcelo Pereira de Andrade,
Reitor UFSJ

Profa. Dra. Rosy Iara Maciel de Azambuja Ribeiro
Vice-Reitora UFSJ

Prof. Dr. André de Oliveira Baldoni,
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Profa. Dra. Rejane Correa da Rocha
Pró-reitora de Ensino e Graduação

Profa. Dra. Iara Freitas Lopes
Coordenadora PIPAUS

SESSÃO DE ARTIGOS 04

Das 18:30 às 20:00

TEMA: Arte, Criatividade e Processos Culturais

ARTIGOS:

1. Cerâmica geek

Autoria: Vanessa Andrade Fonseca

2. Os negros na história da arte

Autoria: Thiago Luiz Guimarães Caetano

3. A teoria da semiótica como indutora do processo criativo.
Considerações sobre os trabalhos da unidade curricular
"linguagem não verbal"

Autoria: Daniel Boechat Damaceno Souza, Natália Abreu Weck e
Fernanda Nascimento Corghi

4. A insustentável dureza da moeda no registro da arte: notas sobre
dinheiro e arte no capitalismo

Autoria: Mucio Tosta Gonçalves

5. Habitar para criar: a casa do artista como espaço de produção e resistência cultural na cidade contemporânea

Autoria: Marcus Vinícius de Moura Carvalho

6. Corpo, Ritmo e Raízes: O processo criativo da comissão de frente de uma escola de samba de periferia e sua contribuição para a valorização das tradições carnavalescas e da identidade comunitária

Autoria: Lilian Cristina de Almeida, Fernanda Nascimento Corghi

DIA 03 DE JULHO DE 2025 (QUINTA-FEIRA) **SESSÃO DE ARTIGOS 05**

Das 10:30 às 12:00

TEMA: Território, Espaço e Narrativas

ARTIGOS:

1. Do território ao projeto: arquitetura como ato político e poético de resistência

Autoria: Suzana Helena Ceranto Ribeiro, Mateus de Carvalho Martins e Sérgio Gualberto Martins

2. Anastácia: protagonismo negro e autorrepresentação na construção de novas visualidades

Autoria: Elizabeth Ramos, Laércio Carlos Ribeiro dos Santos Maus

3. Corpos, territórios e narrativas de mulheres: cinemas, ruralidades e resistências ao patriarcado

Autoria: Daniela de Oliveira Silva e Carlos Frederico Bustamante Pontes

4. O campo escolar e o capital simbólico: praxiologia da educação em Bichinho/MG

Autoria: Gabriela Conceição Castro Abreu

5. Um olhar sobre o Campo Cego

Autoria: Luciana Campos de Pinho Monte-Mór

6. Reflexão sobre o método in(ter)disciplinar

Autoria: Mucio Tosta Gonçalves

MESA REDONDA LINHA 02

08:30 às 10:00

TEMA: Arte e sustentabilidade na cultura popular da cidade, a partir da linha 02 do PIPAUS

SESSÃO DE APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA

Das 13:30 às 15:30

1. Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação (GEPEducom)
Professora: *Filomena Maria Avelina Bomfim*
2. Grupo de Pesquisa A.T.A.
Professora: *Adriana Gomes do Nascimento*
3. Grupo Transdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Práticas Culturais do Heavy Metal
Professor: *Paulo Henrique Caetano*
4. Observatório Urbano
Professora: *Márcia Saeko Hirata*
5. Programa Caminhos Sustentáveis: ações de extensão a partir dos princípios da permacultura, bioconstrução e artes.
Autoria: *Mateus de Carvalho Martins, Daniel Boechat Damaceno Souza, Gabriel Silveira Maia e Jonas Françoso Caputo*
6. Permacultura, bioconstrução, patrimônio e artes: as ações do Programa Saberes da Terra.
Autoria: *Mateus de Carvalho Martins, Giovanna Cristina da Silva, Thalita Barcelos de Castro, Nathália Tonussi de Paula e Sinval José da Silva Júnior*
7. Programa Caminhos Sustentáveis e Bambrinque: estudo e produção de brinquedos de bambu.
Autoria: *Mateus de Carvalho Martins e Paulo César Alfredo Davin*

MESA REDONDA LINHA 03

Das 16:00 às 17:30

TEMA: Arte e sustentabilidade na cultura popular da cidade, a partir da linha 03 do PIPAUS

Conferencistas:

Profa. Ms. Ana Paula Garcia
Profa. na Universidade Federal do Tocantins, Campus Arraias, Curso Turismo Patrimonial e Socioambiental, egressa PIPAUS/UFSJ.

Profa. Regilan Deusamar Barbosa Pereira
Professora rede pública de São João del-Rei na escola Municipal Pio XII e no Instituto Federal de São João del-Rei, figurinista.

SESSÃO DE ARTIGOS 06

Das 18:00 às 19:30

TEMA: Tecnologia, Inovação e Produção Cultural

ARTIGOS:

1. Garimpo urbano: materiais encontrados como matéria-prima de vidrados cerâmicos de alta temperatura
Autoria: Aline Figueiredo Campos, Luciana Beatriz Chagas
2. Minecraft: de jogo independente a uma poderosa ferramenta de transformação social
Autoria: Bernardo Martins Corrêa D'Abreu e Costa
3. Descomplicando a produção musical: DAWs livres como ferramentas de aprendizado e criação para artistas independentes
Autoria: Júlio César de Sousa; Flávio Luiz Schiavoni
4. ECO: cacos do som
Autoria: Aretha Brito de Lima, Flávio Luiz Schiavoni e Eduardo dos Santos Andrade
5. Espacialidade ecopoética CATIVA: construção de espacialidade ecopoética em prol da ecologização rizomática do pensamento
Autoria: João Pedro Zuccolotto Rodrigues da Silva

DIA 04 DE JULHO DE 2025 (SEXTA-FEIRA)

SESSÃO DE ARTIGOS 07

Das 08:30 às 10:00

TEMA: Diversidade, Inclusão e Comunicação

ARTIGOS:

1. A heteroidentificação como meio para garantir a efetividade de políticas afirmativas: reflexões para a política institucional de diversidade e inclusão da UFSJ
Autoria: Filomena Maria Avelina Bomfim, Maria Eduarda Malvar Porto, Lilian Cristina de Almeida Silva e Marcelo José Silva
2. Conceito de sustentabilidade nos campos das ciências da natureza, ciências humanas e ciências sociais
Autoria: Filomena Maria Avelina Bomfim, Débora Brancaglião, Thiago Luiz Guimarães Caetano
3. A cultura na Praça do Rosário em Lavras, MG: a relação do espaço com o município
Autoria: Júlia de Brito Vilas Boas, Leandro Garcez Targa
4. A repetição como princípio estético e desestabilizador na música, arte e cultura
Autoria: Giovanna Paz, Matheus Jordão

5. União europeia: o processo de integração regional e a harmonização de políticas ambientais entre seus estados-membros

Autoria: Delton Mendes Francelino; Laynara Patricia e Ribeiro Pereira.

EXPOSIÇÕES ARTÍSTICAS E RODAS DE CONVERSA

Das 10:00 às 14:00

MOSTRAS AUDIOVISUAIS E RODAS DE CONVERSA

Das 14:00 às 15:30

MESA DE CONVERSA COM A COMUNIDADE E PALESTRA

Das 16:00 às 18:00

Convidadas especiais:

Regilan Deusamar Barbosa Pereira

Professora rede pública de São João del-Rei na escola Municipal Pío XII e no Instituto Federal de São João del-Rei, figurinista

Elaine Azevedo

Porta-bandeira Grêmio Recreativo e Escola de Samba Unidos do São Geraldo e Rainha do Carnaval SJDR 2020

Palestrante:

Profa. Dra. Filomena Maria Avelina Bomfim
DECOMS/PIPAUS UFSJ

CERIMÔNIA ESPECIAL

Das 18:00 às 19:00

Lançamento da Comissão Institucional de Inclusão, Diversidade, Pertencimento/Permanência e Sustentabilidade

Condução:

Professora Dra. Filomena Maria Avelina Bomfim

Presidente da Comissão Institucional de Inclusão, Diversidade, Pertencimento/Permanência e Sustentabilidade

Convidados especiais

Integrantes da Comissão Institucional de Inclusão, Diversidade, Pertencimento/Permanência e Sustentabilidade dos *campi* sede e avançados da UFSJ.

CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO

A partir das 19:30

Mesa de encerramento e apresentação cultural com o Grupo de Capoeira Muzenza

Convidados:

Prof. Dr. Marcelo Pereira de Andrade,
Reitor UFSJ

Profa. Dra. Rosy Iara Maciel de Azambuja Ribeiro
Vice-Reitora UFSJ

Prof. Dr. André de Oliveira Baldoni,
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Profa. Dr. Rejane Correa da Rocha
Pró-reitora de Ensino e Graduação

Profa. Dra. Iara Freitas Lopes
Coordenadora PIPAUS

Grupo de Capoeira Muzenza

Professor Coral e Graduado Asterisco

FICHAS TÉCNICAS DAS OBRAS EXPOSTAS

Curador: Thiago Luiz Guimarães Caetano

Mostra “Redescobrir”:

Thiago Guimarães e Caetano

Sinopse:

A exposição idealizada pelo artista Thiago Guimarães e Caetano propõe uma potente reflexão sobre as ausências e apagamentos históricos ao trazer à luz imagens desconhecidas de pessoas negras que viveram no período da escravidão. Por meio da técnica da colagem, essas fotografias e registros esquecidos são ressignificados e reinseridos no presente, reconstruindo narrativas e oferecendo protagonismo às figuras que a história oficial tentou silenciar. As obras criadas a partir desse processo não apenas recuperam memórias, mas também tensionam as estruturas do esquecimento, transformando a arte em um espaço de visibilidade, denúncia e reconhecimento da dignidade e da presença negra na formação do Brasil.

Título: Amplitude

Artista: Bisoro

Ano: 2021

Técnica: Serigrafia

Suporte: Papel Colorplus Marrocos 200 g • 29,7 x 42 cm

Sinopse:

A mostra “Amplitude” tem como ponto de partida objetivo de reunir e apresentar em um mesmo local a produção de artistas afrobrasileiros que trabalham a partir de temáticas e técnicas distintas que vão da xilogravura à fotografia, passando pela pintura, colagem, cerâmica, serigrafia entre outras mídias como o calligraffiti e o bordado.

O acervo, com artistas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, conecta territórios, histórias e vivências, destacando a arte afrodiaspórica no Brasil, com ênfase no contexto São Joanense e na valorização de suas intersecções territoriais e culturais. Dando destaque à notável gama de mídias, formatos e narrativas, que se complementam – e se reconhecem – em suas semelhanças e diversidades.

Título: “O mundo deveria queimar quando tu fosse”

Artista: Manuela Navas

Ano: 2021

Técnica: Xilogravura

Suporte: Papel Canson 200 g • 21 x 29,7 cm

Título: “Em memória aos que se mantiveram forte para que eu chegasse aqui”

Artista: Nicolas Ferreira

Ano: 2021

Técnica: Fotografia impressa
Suporte: Papel fotográfico • 21 x 29,7 cm

Título: "Sem título"
Artista: Nicolas Ferreira
Ano: 2021
Técnica: Fotografia impressa
Suporte: papel fotográfico • 21 x 29,7 cm

Título: "Sem título"
Artista: Paulo Silva
Ano: 2021
Técnica: Colagem Manual •
Suporte: Papel Canson 200 g • 21 x 29,7 cm

Título: "Sensibilidade Instrínseca"
Artista: Wellington Carvalho
Ano: 2024
Técnica: Calligraffiti
Suporte: papel 200 g • 30 x 30 cm

Título: "Laroyê"
Artista: Felipe Sant'Anna
Ano: 2024
Técnica: Fotografia impressa
Suporte: em papel fotográfico • 21 x 29,7 cm

Título: "Águas"

Título: Cerâmica geek
Artista: Vanessa Andrade Fonseca
Ano: 2024
Técnica: Cerâmica
Sinopse: Jogo de xadrez em cerâmica que combina referências de jogos eletrônicos com personagens da mitologia indígena brasileira, inspirado na narrativa da jornada do herói.

FICHAS TÉCNICAS DOS CURTAS EXIBIDOS

Curador: Thiago Luiz Guimarães Caetano

Curta: Além de PRETO, VIADO

Duração: 25min10s

Ano: 2017

Diretor: Lucas Porfírio

Sinopse: "Além de PRETO, VIADO", é um documentário realizado em 2017 como trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal de São João del-Rei. Com direção de Lucas Porfírio, o filme aborda questões relacionadas ao homem gay negro, dentro e fora do movimento LGBTQ+. Hipersexualização dos corpos negros, solidão, racismo e homofobia são exemplos dos temas abordados. Assim, busca-se discutir, em diferentes momentos, as vivências desses sujeitos e suas características. "Além de PRETO, VIADO" é uma homenagem a todas as bichas pretas no intuito de juntos promovermos o empoderamento gay negro.

Sobre o diretor:

Lucas Porfírio é doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM-UFOP), também bolsista CAPES. Desenvolve pesquisas nas áreas de audiovisual, gênero, raça e sexualidade. É jornalista formado pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Durante a graduação, dirigiu o documentário Além de PRETO, VIADO (2017), exibido na 21ª Mostra de Cinema de Tiradentes e em outros festivais. Também produziu e dirigiu o documentário Viajantes Queers e a Potência dos Afetos, apresentado na XI Semana de Direitos Humanos, promovida pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de Minas Gerais (Sedese-MG). Atualmente, é produtor de jornalismo na TV UFOP. Já atuou como produtor cultural do Festival de Inverno de São João del-Rei.

Título: "Morro da Força"

Duração: 12 min

Ano: 2024/2025

Diretor: João Pedro Zuccolotto (@vulgozucco)

Sobre o diretor:

João Pedro Zuccolotto (@vulgozucco) é artista pesquisador transmidiático e arteducador. Sua produção artística abrange objetos, obras em grande e pequena escala, fotografia, videoarte, performance e intervenções urbanas. Detém-se

conceitualmente ao entrelaçamento dos temas: sustentabilidade, questões patrimoniais, sociais e políticas na contemporaneidade. Suas maiores referências são a biodiversidade natural, a cidade e o Devir. Tem se dedicado a observar o cotidiano rurano (rural e urbano) em âmbito glocal (global e local) e, deste modo, apropria-se de elementos naturais e populares para desenvolver seus trabalhos. Realizou exposições coletivamente e individualmente nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Nordeste. Participou da Residência Artística "NOSSO Spa das Artes de Cada Dia" na cidade de Recife, no ano de 2015 e também foi residente no CYRÓ, residência artística em 2025 na cidade de Tiradentes (MG). Formou-se em Design Gráfico na Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), fotografia profissional, pintura a óleo, formação em artes em escolas como: Bauhaus (Ribeirão Preto - SP), IED- Instituto Europeo di Design (SP), AGO-Art Gallery of Ontario (Canadá), Faop (Ouro Preto - MG) e é mestre no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela UFSJ – Universidade de São João Del Rei (MG).

Curta: Areia

Duração: 19min26s

Ano: 2022

Diretor: Victor Correia

Sinopse: Em uma pequena cidade litorânea, dois amigos se apoiam na busca por novas motivações ao se verem estagnados em suas trajetórias.

Curta: Anastácia

Duração: 7 min

Ano: 2023

Diretoras: Elizabeth Ramos e Vitória Iabrudi

Sinopse: Joice Anastácia foi uma artista reconhecida por sua habilidade na confecção de bonecas de pano, especialmente as abayomis, símbolos da resistência e da ancestralidade negra. Através delas e de seus panos, Joice contava histórias de famílias e comunidades negras, homenageando orixás, saberes e estéticas afro-brasileiras. Suas criações exaltavam a beleza e a força da negritude em suas múltiplas expressões.

Sobre as diretoras:

Elizabeth Ramos e Vitória Iabrudi são cineastas e produtoras à frente da Sobradinho, produtora independente dedicada à criação de filmes autorais e processos colaborativos. Codiretoras do projeto Mãos do Morro, realizam obras que entrelaçam arte, cinema e memória em territórios periféricos e rurais de Minas

Gerais. Seus trabalhos já foram exibidos em mostras como a 27ª e 28ª Mostra de Cinema de Tiradentes (MG) e a 1ª Mostra de Cinema Feminina de Goiânia (GO), fortalecendo narrativas negras, femininas e comunitárias no audiovisual brasileiro.

DIA 02 DE JULHO DE 2025 (QUARTA-FEIRA)

SESSÃO DE ARTIGOS 01:

Sustentabilidade Urbana e Políticas Públicas

Das 10:30 às 12:00

ADAPTAR, PERTENCER E SUSTENTAR: MODOS DE MORAR NA AMÉRICA DO SUL

LASMAR, Amon Christian
Universidade São Judas Tadeu; Faculdade Una de Pouso Alegre
amon.lasmar@ulife.com.br

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas

O respectivo trabalho corresponde a um breve relato de uma pesquisa em andamento que visa investigar estratégias projetuais arquitetônicas adotadas em residências unifamiliares (casas) inseridas em paisagens naturais da América do Sul, com ênfase naquelas que estabelecem relações singulares com a topografia do lugar. Por meio da análise de obras arquitetônicas contemporâneas (2001-) construídas em contextos não urbanos — frequentemente situadas em áreas rurais, montanhosas ou costeiras — busca-se compreender como a arquitetura pode emergir do território de forma sensível, propondo uma resposta integrada às condições naturais, culturais e sociais do entorno.

A aproximação com o tema do evento se dá pela proposição de uma leitura expandida da sustentabilidade, que extrapola o desempenho técnico-ambiental dos edifícios para abarcar dimensões culturais e simbólicas do habitar. As casas estudadas, embora projetadas no contexto da arquitetura contemporânea, frequentemente incorporam saberes locais e práticas construtivas enraizadas em culturas populares regionais. Ao se adaptar à topografia, aproveitar materiais locais, reinterpretar técnicas vernaculares e dialogar com modos de vida tradicionais, essas arquiteturas se aproximam de um pensamento sustentável enquanto expressão cultural do território.

O corpus da pesquisa inclui inicialmente um conjunto de cem projetos arquitetônicos residenciais situados em diferentes países sul-americanos, mas com destaque para três casas em específico: uma situada no planalto Central no Brasil (2021), uma na região da Cordilheira dos Andes na Colômbia (2021) e a outra na planície Platina no Uruguai (2015), o que permitiu observar como distintas condições topográficas e culturas podem influenciar as estratégias projetuais adotadas e propiciar arquiteturas que dialogam diretamente com seus respectivos contextos. Tais decisões projetuais não apenas respondem ao clima e à geografia, mas também evocam modos ancestrais de construir e viver em harmonia com o ambiente.

Neste sentido, argumenta-se que essas residências funcionam como dispositivos de mediação entre a arquitetura e a cultura popular local, oferecendo caminhos possíveis para a construção de uma sustentabilidade enraizada, que respeita e valoriza os saberes do território. Ao promover o diálogo entre tradição e inovação, tais obras contribuem para a preservação e atualização de práticas culturais ligadas ao espaço habitado.

A pesquisa, de natureza qualitativa, adotou como métodos a cartografia, a seleção e a análise de projetos arquitetônicos, entrevistas com arquitetos e levantamento bibliográfico, articulando referências da arquitetura, da geografia cultural e dos estudos sobre o habitar. Pretende-se, com isso, contribuir para a reflexão sobre o papel da arquitetura na construção de uma sustentabilidade plural, atenta às especificidades locais e às paisagens culturais da América do Sul.

CIDADES SUSTENTÁVEIS E LINGUAGEM: A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL COMO PILAR DA URBANIDADE CONTEMPORÂNEA

FRANCELINO, Delton Mendes; PORTO, Maria Eduarda Malvar e SIQUEIRA, Adilson
UFSJ; Casa da Ciência e da Cultura
deltonmusica@gmail.com; mmalvar@hotmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas

A crescente urbanização global impõe desafios complexos às cidades, que, para se tornarem sustentáveis, precisam integrar dimensões sociais, ambientais, econômicas e culturais. Neste cenário, o acesso equitativo às línguas e a valorização do multilinguismo emergem como condições fundamentais para o diálogo, a cooperação e as trocas interculturais. O presente artigo adota a perspectiva da ecologia urbana de Francelino (2023), compreendendo a cidade como um ecossistema de relações que articula práticas sociais, comunicação e sustentabilidade. Utiliza também os conceitos de língua franca em Moita Lopes (2014), que reconhece o papel do inglês como meio de interação transnacional, e a abordagem de sustentabilidade cultural proposta por Kagan (2010), que considera a diversidade cultural um eixo estruturante das cidades resilientes. Um dos resultados mais relevantes da pesquisa é a constatação de que a interculturalidade e a multiculturalidade são fatores estruturantes da vida urbana contemporânea. A pandemia da COVID-19 evidenciou essa condição: a comunidade internacional foi capaz de compartilhar dados científicos, práticas sanitárias e medidas de contenção graças ao uso ampliado do inglês como língua franca, promovendo ações coordenadas de alcance global. Assim, o artigo argumenta que políticas urbanas sustentáveis devem incorporar o acesso linguístico como direito fundamental, ampliando as possibilidades de comunicação e colaboração entre povos diversos.

TECNOLOGIA, CIDADES SUSTENTÁVEIS E O FUTURO DA HUMANIDADE

FRANCELINO, Delton Mendes; FERREIRA, Caren Siqueira; PATRÍCIA, Laynara e ABREU, João Victor

Casa da Ciência e da Cultura
deltonmusica@gmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas

As mudanças climáticas representam um dos maiores desafios enfrentados pela humanidade no século XXI, com impactos diretos sobre os sistemas naturais, sociais e urbanos. Nesse contexto, as cidades surgem como espaços centrais para o enfrentamento da crise ambiental, uma vez que concentram mais da metade da população mundial, consomem cerca de 70% da energia global e são responsáveis por grande parte das emissões de gases de efeito estufa. Para repensar o futuro das cidades em uma perspectiva de sustentabilidade, é necessário integrar o uso de tecnologias inovadoras com ações educativas, culturais e de engajamento social. A construção de cidades sustentáveis exige, portanto, uma abordagem multidimensional, que leve em consideração os aspectos ecológicos, sociais, culturais e tecnológicos da urbanidade contemporânea.

Apesar do avanço de políticas públicas voltadas para a mitigação dos efeitos climáticos e da emergência de tecnologias verdes, muitas cidades ainda operam sob modelos urbanos excludentes e insustentáveis. As desigualdades sociais, a segregação espacial e a alienação da população em relação aos processos de tomada de decisão comprometem a construção de um projeto urbano comum e resiliente. Nesse cenário, o problema central investigado neste artigo é: de que forma as tecnologias, articuladas com práticas sociais e educativas, podem contribuir para a construção de cidades sustentáveis e conscientes diante da crise climática?

A abordagem metodológica adota uma perspectiva interdisciplinar, ancorada em três autores principais. Francelino (2023), ao desenvolver reflexões e práticas no âmbito da ecologia urbana, propõe compreender a cidade como um ecossistema de relações em que natureza, cultura e tecnologia. A partir dessa visão, destaca-se o papel de instituições como a Casa da Ciência e da Cultura de Barbacena, em Minas Gerais, que realiza ações de educação ambiental, divulgação científica e mobilização comunitária, promovendo uma vivência urbana mais conectada com os princípios da sustentabilidade. Essas ações incluem atividades em escolas, oficinas de compostagem, trilhas ecológicas e fóruns de debate sobre mudanças climáticas, com impacto direto na formação cidadã e ambiental da população local.

Lefebvre (2010), em sua obra sobre o "Direito à cidade", fundamenta a crítica ao urbanismo tecnocrático, destacando a importância da participação ativa dos cidadãos na produção do espaço urbano. Já Richard Rogers (1999), em "Cidades para um pequeno planeta", defende a reinvenção das cidades como organismos vivos, densos, mistos e

integrados com o meio ambiente, propondo um modelo de urbanismo sustentável baseado em equidade social e eficiência ecológica.

A análise conduz à constatação de que a integração entre ciência, tecnologia, cultura e cidadania é uma das estratégias mais eficazes para construir cidades preparadas para os desafios climáticos. As experiências da Casa da Ciência de Barbacena mostram que é possível promover transformações urbanas significativas a partir da educação ambiental e da democratização do conhecimento científico. Assim, propõe-se que o futuro da humanidade, frente à crise climática, depende cada vez mais de cidades que saibam equilibrar inovação tecnológica com justiça social e engajamento ecológico — princípios fundamentais de uma ecologia urbana regenerativa.

DOENÇAS INFECCIOSAS, CIÊNCIA E POLÍTICA PÚBLICA: PERSPECTIVA INTEGRADA ENTRE SAÚDE COLETIVA E ECOLOGIA URBANA

FRANCELINO, Delton Mendes

Casa da Ciência e da Cultura de Barbacena, Minas Gerais
deltonmusica@gmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas

As doenças infecciosas continuam sendo um dos maiores desafios à saúde pública no Brasil e no mundo, mesmo com os avanços científicos e tecnológicos dos últimos séculos. No contexto brasileiro, enfermidades como dengue, chikungunya, zika, leptospirose, tuberculose e, mais recentemente, a COVID-19, mantêm-se como preocupações recorrentes, especialmente em áreas urbanas marcadas por desigualdade social, infraestrutura precária e degradação ambiental. O combate a essas doenças exige mais do que ações clínicas: demanda estratégias coletivas articuladas entre ciência, política pública, educação e participação comunitária. Nesse sentido, este artigo parte do entendimento de que a resposta científica às doenças infecciosas depende fortemente do apoio governamental e da construção de políticas públicas sustentadas em redes colaborativas e territoriais.

O recorte teórico-metodológico combina contribuições da ecologia urbana e do associativismo ambiental propostos por Francelino (2023) com fundamentos da saúde coletiva inspirados no trabalho de Cecília Donnangelo. Francelino compreende a cidade como um ecossistema vivo de relações socioambientais, onde o território e os vínculos associativos da população desempenham papel crucial na promoção da saúde e da sustentabilidade. Ao analisar experiências locais de mobilização ambiental, como mutirões de limpeza, hortas comunitárias e redes de monitoramento de vetores.

Por outro lado, Donnangelo (1976) destaca a importância das mediações entre o sistema de saúde e as condições sociais de vida, indicando que a saúde não pode ser compreendida apenas como ausência de doença, mas como expressão concreta da estrutura social. A autora também argumenta que a política de saúde precisa ser compreendida como prática social, onde a atuação do Estado é central para garantir acesso equitativo à prevenção, diagnóstico e tratamento, especialmente entre os grupos mais vulneráveis.

A análise revela que o enfrentamento das doenças infecciosas no Brasil demanda uma abordagem que una os saberes científicos à ação territorializada e à participação popular. Um exemplo prático dessa articulação é o papel dos agentes comunitários de saúde no combate à dengue: inseridos nas comunidades, esses profissionais conseguem mediar informações técnicas e práticas populares, atuando tanto na vigilância quanto na educação em saúde. Quando articulados com iniciativas como as promovidas por coletivos ambientais urbanos, como observado em programas locais inspirados pela ecologia urbana, esses esforços tornam-se ainda mais eficazes.

O principal resultado teórico do artigo é a defesa de uma visão integrada entre saúde e ambiente, na qual o combate às doenças infecciosas seja entendido como uma prática política e ecológica no rol das urbanidades. A ciência, para ser efetiva, precisa dialogar com os territórios e contar com políticas públicas comprometidas com a justiça social, o cuidado com o meio ambiente e o fortalecimento das redes locais de proteção à saúde. Nesse sentido, a cidade sustentável é também uma cidade saudável, construída por meio da cooperação entre Estado, ciência e sociedade.

URBANIDADE E SUSTENTABILIDADE: MEMÓRIAS QUE MOLDAM O FUTURO DAS CIDADES

PEREIRA, Maria Cristina Alves e MACEDO JUNIOR, Jose Wilson Almeida
Prefeitura de Juiz de Fora (Secretaria Especial de Direitos Humanos)
mcristinaalvespereira@msn.com; jwilson@pjf.mg.gov.br

Linha: Processos criativos

Em Juiz de Fora, onde 20% da população já ultrapassou os 60 anos, o Projeto Memória Viva da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) da Prefeitura de Juiz de Fora, revela-se como uma janela privilegiada para compreender os complexos processos psicossocioculturais que estruturam a relação entre as pessoas e o espaço urbano ao longo do tempo. Mais do que um simples registro histórico, as narrativas dos sujeitos idosos nos mostram como a memória coletiva se entrelaça com o desenvolvimento urbano, oferecendo lições fundamentais para a construção de cidades verdadeiramente sustentáveis e humanizadas.

As narrativas dos indivíduos idosos reconstroem uma Juiz de Fora onde os bondes elétricos e o tradicional trem ""Xangai"" desempenhavam um papel que ultrapassava a mera função de transporte. Estes elementos urbanos eram vetores de sociabilidade, integrando-se organicamente ao cotidiano dos cidadãos. Esse modelo contrasta profundamente com a atual primazia do transporte individual, nos levando a refletir sobre como conciliar eficiência logística com qualidade de vida urbana nos projetos contemporâneos.

A evolução dos espaços públicos emerge como tema recorrente nos depoimentos. Os amplos quintais, praças sombreadas e largos arborizados, outrora palco de brincadeiras infantis e convívio social, foram progressivamente substituídos por uma paisagem urbana mais compacta e menos convidativa. Essa transformação representa não apenas uma mudança estética, mas a erosão de importantes elementos reguladores do microclima urbano e de espaços vitais para o tecido social.

Curiosamente, os relatos dos sujeitos idosos apresentam exemplos concretos de economia circular antes mesmo da formalização desse conceito. As práticas de conserto, reaproveitamento e compartilhamento de recursos, hoje consideradas inovações sustentáveis, eram parte integrante do cotidiano. Essa sabedoria prática constitui um valioso patrimônio imaterial para a construção de modelos de consumo mais responsáveis.

A análise das memórias coletadas revela ainda o impacto da gradual extinção de equipamentos culturais e comunitários na identidade urbana. Cinemas, clubes sociais entre outros, que não cumpriam apenas funções comerciais ou de entretenimento - eram verdadeiros nós de sociabilidade que conferiam caráter único a cada comunidade. Seu desaparecimento progressivo representa uma perda significativa para a sustentabilidade cultural da cidade.

Os depoimentos evidenciam um paradoxo do desenvolvimento urbano: o avanço tecnológico e infraestrutural nem sempre se traduz em ganhos de qualidade de vida comunitária. As descrições de uma intensa vida de bairro, marcada por relações de proximidade e solidariedade, contrastam fortemente com o individualismo predominante no cenário urbano contemporâneo. Essa dimensão relacional da sustentabilidade, frequentemente subestimada no planejamento urbano, revela-se fundamental nas narrativas das pessoas idosas.

O Projeto Memória Viva assume, portanto, um papel estratégico ao converter essas memórias em instrumentos valiosos para o urbanismo sustentável. Ao registrar as transformações na percepção e uso dos espaços urbanos, oferece aos planejadores: Uma avaliação histórica dos impactos das mudanças urbanísticas na qualidade de vida; Modelos orgânicos de organização comunitária com potencial de aplicação contemporânea; Alertas precoces sobre consequências negativas de intervenções urbanas; e Diretrizes culturais e afetivas para projetos futuros

A construção de cidades sustentáveis no século XXI exige esse diálogo com o passado. As histórias das pessoas idosas de Juiz de Fora demonstram que o desenvolvimento urbano verdadeiramente sustentável requer equilíbrio entre modernização e preservação, entre inovação e memória coletiva. Longe de representar mero saudosismo, esses relatos constituem um repositório de conhecimento empírico capaz de informar decisões mais conscientes sobre o futuro das cidades.

Conforme o projeto se consolida, seu legado mais significativo pode ser justamente esta ponte entre temporalidades - mostrando como o resgate da memória urbana pode orientar a construção de cidades mais sustentáveis, inclusivas e adaptadas às necessidades humanas. Como bem ilustram os depoimentos das pessoas idosas, a verdadeira sustentabilidade urbana nasce da capacidade de harmonizar herança e progresso, tradição e inovação, em um contínuo processo de construção coletiva do espaço urbano. Desta maneira, a memória urbana revela-se como um recurso psicossocial vital para o planejamento de cidades que sejam, ao mesmo tempo, inovadoras e enraizadas, eficientes e acolhedoras as pessoas em todas as etapas de suas vidas.

A ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL COMO DISPUTA NO CAMPO DAS POLÍTICAS HABITACIONAIS DE SÃO JOÃO DEL-REI/MG

BARROSO, Luiza Queiroz; TARGA, Leandro Garcez e GODOY, Tatiane Marino Pinto de
Universidade Federal de São João del-Rei/MG
luiza_qb@hotmail.com, leandro.g.targa@gmail.com, tatianemgodoy@ufsj.edu.br

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade

O presente artigo apresenta o alicerce teórico que sustenta uma pesquisa em andamento no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS/UFSJ) que busca compreender porque mesmo com legislação específica a Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS) não é efetivada em São João del-Rei/MG (SJDR). Considerando uma realidade urbana brasileira, em que grande parte das cidades é (auto)construída na informalidade, isto é, feita às margens das legislações urbanísticas existentes e sem assistência técnica ou infraestrutura adequada, a Lei Federal nº11.888/2008, de ATHIS possibilita inserir o conhecimento técnico para transformar e dar continuidade aos territórios auto construídos. Além disso, pode fortalecer a municipalidade, potencializar ações locais, promover parcerias públicas com outras esferas e integrar políticas setoriais em prol de um desenvolvimento urbano mais sustentável. A discussão apresentada é fundamentada na Teoria dos Campos desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu e na teoria da produção social do espaço urbano, de Henri Lefebvre. A primeira utilizando o conceito como ferramenta da Sociologia da Ação Pública, aplicada para uma análise relacional de Políticas Públicas como proposto por Dubois (2021), neste caso, para uma análise da política pública de habitação em SJDR. A segunda teoria como subsídio para compreender as lógicas da produção desigual do espaço urbano que condiciona as classes sociais subalternizadas à autoconstrução. Bourdieu estabelece uma relação de homologia entre a posição ocupada por um agente em um campo e suas tomadas de posição. Isso significa que, ao analisar as disputas dentro de um campo e as estratégias dos agentes, é possível revelar a estrutura social que define suas posições e ações. Essa premissa é crítica a noção jurídica positivista de que a simples existência da lei garante sua efetivação, pois a sociedade funciona a partir de relações sociais construídas historicamente e a partir da correlação de forças existentes. Este pressuposto não inviabiliza a importância da aprovação de legislação, mas enfatiza a necessidade de se compreender que as disputas sociais não começam nem acabam no marco regulatório. A lei serve como um instrumento possível na disputa pela correlação de forças sociais. Quanto mais desigual for essa correlação, maior será o potencial da lei para contribuir – ou, em alguns casos, sua irrelevância - na transformação social pretendida. Assim, no contexto da pesquisa em andamento, a lei de ATHIS é analisada como um produto da competição do campo das políticas públicas habitacionais em SJDR.

SESSÃO DE ARTIGOS 02:

Identidade, Cultura e Resistência em São João del- Rei

Das 13:30 às 15:00

MULHERES E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO PERIFÉRICO EM SÃO JOÃO DEL REI

SANTOS, Sâmia Simas; GODOY, Tatiane Marina Pinto de e TARGA, Leandro Garcez
UFSJ - Universidade Federal de São João del Rei
samiaescreve@gmail.com; tatianemgodoy@ufsjeu.br; leandro.g.targa@gmail.com

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade
Palavras-chave: Teatro do Oprimido, Espaço Urbano, Memória, Arte-educação

O presente artigo apresenta parte dos subsídios teóricos e metodológicos da pesquisa em andamento no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS/UFSJ) que pretende compreender o papel das mulheres na produção do espaço urbano no bairro periférico Senhor dos Montes, em São João del Rei/MG, visibilizando saberes e práticas socioespaciais.

A metodologia da pesquisa compreende o uso de técnicas que permitam o resgate de vivências das mulheres nas suas relações com o território. Os resultados esperados vinculam-se à reconstituir a contribuição dessas mulheres para a formação socioespacial do bairro à luz da produção de um conhecimento sobre a percepção social particularmente daquele produzido na América Latina a partir de uma perspectiva decolonial (LUGONES, 2014) que problematiza a condição de gênero no contexto da periferia do capitalismo, e da negritude feminina (GONZALES, 1984) que complexifica o apagamento da mulher negra brasileira. Nesse arcabouço teórico destacam-se os fundamentos da educação popular e da teoria da ação dialógica (FREIRE, 2019) através do arsenal do Teatro do Oprimido (BOAL, 1980), bem como da produção social do espaço (Lefebvre, 2000), buscando constituir uma compreensão da realidade socioespacial a partir do reconhecimento das práticas cotidianas dessas mulheres.

As oficinas são pensadas a partir do recorte de dois materiais do Teatro do Oprimido: Capítulo III - O arsenal do Teatro do Oprimido, do livro Jogos para atores e não atores (BOAL, 2008) que conta com exercícios de desenvolvimento dos sentidos das participantes e preparação para exercícios de resgate de memórias; e Parte II: A prática - 1 As técnicas prospectivas e 2 As técnicas introspectivas, do livro O arco-íris do desejo (BOAL, 2002). Neste material, podemos encontrar exercícios que promovem a reflexão de si na comunidade, quais as opressões internalizadas e como identificamos as mesmas.

A pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito do Observatório Urbano de São João del Rei, núcleo multidisciplinar vinculado à UFSJ que é conduzido por pesquisadoras e pesquisadores das áreas de Geografia, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Economia e Ciências Sociais, que buscam desde 2019 produzir conhecimento sobre a realidade urbana pela ótica do direito à cidade (LEFEBVRE, 2001) e da educação popular, aprimorando metodologias dialógicas amparadas numa perspectiva crítica. Como retorno

do presente anteprojeto para a sociedade, planeja-se a confecção de podcast como registro de contação de história.

ENTRE MUROS E MEMÓRIAS: O PIXO NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO JOÃO DEL-REI

RODRIGUES, Júlia Maria Pereira

UFSJ

juliamprodrigues@gmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas
Palavras-chave: pixo, patrimônio, direito à cidade, territorialização, São João del-Rei.

Este artigo, parte da pesquisa de dissertação de mestrado ainda em desenvolvimento no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS/UFSJ), propõe uma reflexão sobre a coexistência entre o patrimônio arquitetônico tombado e o pixo na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais. Embora, à primeira vista, essas manifestações representem expressões urbanas contrastantes — de um lado, edifícios históricos eleitos e preservados como representantes da memória oficial da cidade e da nação; de outro, o pixo, classificado como crime ambiental — ambos compõem registros materiais e simbólicos de um mesmo território e de sua complexa construção social.

Ao analisar como essas manifestações dialogam e ocupam os mesmos espaços, o estudo busca evidenciar as tensões e sobreposições entre a memória oficial e as expressões urbanas dissidentes, propondo compreender o pixo não apenas como transgressão, mas como linguagem visual que registra processos de contestação diante de uma realidade desigual, que se impõe cotidianamente na vida das pessoas e se materializa na paisagem urbana. Nesse sentido, o artigo também debate como essas práticas se relacionam com a noção de direito à cidade, entendida como a possibilidade de todos os sujeitos urbanos se expressarem, ocuparem e transformarem os espaços que habitam, tensionando as narrativas hegemônicas e propondo novas formas de pertencimento.

Além disso, o trabalho compreende o pixo como parte de um processo de territorialização no espaço urbano, especialmente significativo quando analisado sob o recorte da pixação no centro histórico da cidade, território marcado por disputas simbólicas e materiais entre diferentes classes sociais desde o século XIX. Esse processo de territorialização se manifesta tanto por meio de estratégias de dominação explícita — como proibições, demolições e expulsões — quanto pela apropriação simbólica e afetiva dos espaços urbanos, revelando um embate constante entre as tentativas de controle e a resistência popular. O pixo, nesse contexto, opera como prática que inscreve marcas e discursos não autorizados nos espaços patrimonializados, desestabilizando narrativas oficiais e afirmando novas formas de existência e pertencimento na cidade.

A partir dessa perspectiva, pretende-se contribuir para o debate sobre as dinâmicas de construção da memória, seus conflitos e como as múltiplas camadas da cidade podem revelar e construir dialeticamente a realidade.

A CULTURA MATERIAL NAS AULAS DE ARTES DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. ESTUDO DE CASO EM SÃO JOÃO DEL REI

PEREIRA, Regilan Deusamar Barbosa

Escola Municipal Pio XII e Escola Municipal Celso Raimundo da Silva
regilandeusamar@gmail.com

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade

A cultura globalizada contemporânea obscurece a consciência a respeito da criação e confecção de utensílios domésticos, do vestuário entre outros objetos de uso cotidiano que estão presentes nos lares, nas escolas, no trabalho, nas distintas formações culturais. Justamente esta falta de consciência contribui para o descarte inconsequente de objetos diversos que têm causado nefastos problemas de poluição do meio ambiente. As aulas de artes destinadas aos anos finais do ensino fundamental, a partir do ponto de vista da professora-figurinista, têm como objetivo o despertar da consciência construtiva, menos consumista e mais ativa e participativa na solução das demandas cotidianas, a respeito do processo de confecção do vestuário aliado às análises comparativas com outras profissões artesanais como a movelaria, a culinária, entre outras. Os livros *A serpente cósmica: o DNA e a origem do saber* do antropólogo canadense Jeremy Narby e *Pedagogia da Bauhaus* de Rainer Wick conferem o suporte teórico para o desenvolvimento deste experimento pedagógico iniciado em fevereiro de 2025. A serpente cósmica colabora com importante estudo a respeito das relações humanas com o meio ambiente, de acordo com a valorização do conhecimento oriundo das sociedades indígenas da amazônia peruana. A pedagogia da Bauhaus confere suporte pedagógico de valorização do aprendizado construtivo, reconhecimento de que a cultura material precisa ser criada, construída e cuidada por cada grupamento cultural humano, para que a consciência a respeito da matéria-prima, trabalhada do ponto de vista da técnica artística, seja apropriada desde a formação escolar. Esta pesquisa, portanto, busca a integração entre arte, cultura e meio ambiente desde a base educacional, um estudo particularmente empreendido nas escolas municipais Pio XII e Celso Raimundo da Silva do município de São João Del Rei. O sistema de formação educacional basilar, porém, de acordo com os estudos de Zygmunt Bauman em *Ensaio sobre o conceito de cultura*, promoveu um sistema de divisão de classes principiado pelo Iluminismo francês. Esta divisão favoreceu a elitização no campo da educação. Naturalmente a cultura popular, outrora construtora da cultura material, passou a exclusivamente consumir a produção industrializada, perdendo o conhecimento que tinha a respeito de técnicas fabris e materiais, tornando-se classe trabalhadora desprovida do protagonismo no campo da produção da cultura material e inconsequente em relação ao compromisso ambiental. Resgatar essa consciência a respeito de matérias e técnicas fabris é urgente no sentido de colaborar com a apropriação da cultura material e do cuidado com o meio ambiente. Justamente o ateliê de costura se constitui como

base metodológica para impulsionar as habilidades construtivas, a consciência ecológica e a cultura fabril comunitária.

ZINE E PATRIMÔNIO CULTURAL: MAPEANDO TERRITÓRIO, FRUIÇÃO, DIFUSÃO E PERTENCIMENTO

ARAÚJO, Jacqueline Bittencourt e SANTANA; Julia Gruber

UFSJ / UnB

jacquebittencourt@gmail.com

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade

O presente artigo revisita a prática de Educação Patrimonial e sua proposição de reconhecimento dos territórios culturais e patrimônios descentralizados, valorizando a riqueza cultural das Regiões Administrativas da capital do Distrito Federal. Foi realizado com o recorte etário que contemplou estudantes de 8º e 9º anos do Centro de Ensino Fundamental 15 de Taguatinga, nos meses de maio e junho de 2025. O projeto é uma pesquisa-ação de caráter teórico prático, desenvolvida durante a disciplina de Artes, com a participação do estágio supervisionado do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília. Houve uma revisão bibliográfica da legislação educacional nacional e local que constatou a presença dos patrimônios culturais do Distrito Federal como conteúdo, e suas perspectivas diante as competências/habilidades propostas em estruturas curriculares específicas, como o Currículo em Movimento do Distrito Federal, elaborado pela Secretaria de Estado de Educação do Governo (SEEDF), bem como pela Base Nacional Comum Curricular. Procurou-se contemplar os documentos relacionados às políticas de educação patrimonial, instituídas pelas organizações como SEEDF, SECEC e IPHAN, como a Lei nº 4.920/2012, 5.080/2013 e a Portaria nº 265/2016, que trata dos objetos de aprendizagem e outros estudos e mapeamentos de patrimônios culturais locais. Vislumbrando a conservação e valorização do bem público tombado/proposto como patrimônio cultural material e/ou imaterial, a consolidação dos saberes propostos utilizou o potencial das metodologias ativas para a confecção de Zines. Estas condicionadas por sua acessibilidade, interlocução com demais áreas da linguagem, profusão no processo de criação por permear as diversas materialidades nas composições e interação dos discentes, acarretando novos agrupamentos por juízo de gosto/percepções estéticas visto os estudos e discursos da cultura visual. Foi analisada a recepção do projeto pelos estudantes nas aulas expositivas e práticas, tomando como critérios as dimensões de conhecimento em arte: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. As reflexões dimensionadas frente a pesquisa apontada, corroboram para uma amplitude e reconhecimento das visualidades que cercam os discentes no percurso que realizam na unidade de ensino, instruindo-os a mapear, refletir e relacionar o patrimônio cultural identificado as próprias vivências, os estruturando sua pesquisa para sua própria linguagem, fixando assim seu conhecimento. Para além do resultado cognitivo obtido, os desdobramentos da Zine reverberam na construção e senso de pertencimento do aluno-protagonista, por permitir que o produto final seja replicado e compreendido como difusor de conhecimentos.

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FORMIGA/MG: LEITURA ESPACIAL E SIMBÓLICA

SILVA, Marcelo José; NASCIMENTO, Adriana Gomes do e CARMO, Cláudio Márcio do
UFSJ/PIPAUS; UFSJ/PIPAUS; UFSJ/PROMEL
silmarcelo@aluno.ufsj.edu.br; adrianan@ufsj.edu.br; claudius@ufsj.edu.br

Linha: Recepção, Crítica e Experiência - Narrativas Contemporâneas
Palavras-chave: Igreja de Nossa Senhora do Rosário; Memória; Apagamento; Morfologia Urbana; Modelo Metafuncional.

Em princípios do século XIX a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, no que atualmente é a cidade de Formiga/MG, construiu sua igreja e, posteriormente, seu cemitério. Cerca de cento e cinquenta anos depois, a igreja foi demolida e uma nova foi construída próximo ao cemitério da irmandade, situado no alto do morro em uma área periférica, longe dos olhos da elite local, ao passo que a antiga estava em uma área central.

Parte de nossa pesquisa busca compreender a formação da rede urbana na região do entorno da Estrada Real da Picada de Goiás, caminho que ligava as áreas de mineração em Goiás e Campo Grande ao Rio de Janeiro, partindo de São João del-Rei e passando pela região Oeste de Minas. Por meio de análise bibliográfica e iconográfica identificamos que as capelas, associadas aos caminhos, tiveram um importante papel na formação dos povoados, vilas e cidades (Cesar, 2024).

Por isso, nosso artigo se dedica ao estudo do caso da Igreja de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Formiga, por entendermos que sua construção e demolição são simbólicas para a compreensão da configuração do espaço urbano e do discurso colonialista que ele engendra.

Partimos da ideia que os elementos que constituem e dão forma ao espaço construído equivalem às palavras em uma frase (Argan, 1993), logo, o espaço urbano pode ser lido, e sua leitura nos permite compreender não só as estruturas físicas, mas as sociais que o constituem. Em nosso trabalho essa leitura é realizada pela aplicação das metodologias de análise da forma urbana de Caniggia e Maffei, complementadas pela análise metafuncional (Ravelli, 2017) da igreja, baseada em imagens externas e relatos de seu interior.

A demolição desta igreja faz parte de um padrão observado em meados do século XX e evidencia a questão do apagamento e sobreposição da cultura e das identidades de povos originários e diaspóricos, cuja presença e existência no território se revela por indícios, que precisam de um olhar criterioso para reconhecimento, fato que vem sendo abordado em trabalhos produzidos pelo Grupo de Pesquisa A.T.A (Nascimento et al, 2021; Nascimento et al, 2023).

Temos compreendido que esse padrão está relacionado ao processo de romanização da Igreja Católica no Brasil, iniciado após a separação entre a Igreja e o

Estado com a Proclamação da República (Monteiro, 2016; Vely, 2025). No caso formiguense, a demolição ocorreu na década de 1960 por ordem do bispo diocesano e acatada pelo pároco recém-chegado à cidade, após a negativa de dois dos seus antecessores (Santos, 2013).

Mas também à persistência da colonialidade do pensamento (Acosta, 2016) e do racismo estrutural (Almeida, 2019) nos discursos do espaço urbano e oficiais, expressos em atos de governo e em bibliografias sobre a história da cidade, que buscamos evidenciar com base na análise crítica da cultura, visto que acreditamos que tais discursos servem à manipulação da memória coletiva (Le Goff, 2003). Dentre esses discursos, destacamos a instalação de um obelisco pela prefeitura nos anos 2000, fazendo memória ao pelourinho, isto é, fixando em local que seria os fundos da antiga igreja um memorial do poder colonial, embora o obelisco seja um símbolo bem mais antigo e que foi apropriado por diferentes culturas.

Outro discurso que deve ser analisado criticamente é a obra do memorialista Leopoldo Correa, que, como fruto de sua época, deixa evidente a dimensão da colonialidade e racismo do pensamento de um membro da elite local que assumiu o papel de escrever a história da cidade.

Embora devamos reconhecer que o autor coligiu fontes primárias de difícil acesso na atualidade e que trazem informações importantes para nosso trabalho - como detalhes sobre a construção da igreja, seu interior e bens integrados que a compunham - entendemos que o tratamento que ela dispensa à igreja nas duas edições de seu livro - a primeira de 1951 e a segunda, revista e ampliada, de 1993 - deixa claro este processo de apagamento da memória e da cultura do povo diaspórico de Formiga. Uma vez que, enquanto na primeira edição havia um capítulo exclusivo para a igreja do Rosário, na segunda edição este capítulo foi transformado em tópico de um outro e não foi feito o registro, nem ao menos análise, das circunstâncias em que se deu a demolição da igreja, cerca de trinta anos antes da publicação da nova edição.

Referências Bibliográficas

ACOSTA, A. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos SP: Editora Elefante/ Editora Autonomia Literária, 2016. p.33-41. <Disponível em:<https://rosalux.org.br/o-bem-viver-uma-oportunidade-para-imaginar-outros-mundos/>> Acesso em 12/06/2025

ALMEIDA, S. Racismo estrutural. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

ARGAN, G. C. A história da arte como história da cidade. 1. ed. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Coleção a

CÉSAR, R. V. Formação territorial do Centro-oeste de Minas Gerais: Conquista, povoação, dinâmicas demográfica e econômica e ordenamento político-administrativo: 1723-1860. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024.

LE GOFF, J. Memória. In: LE GOFF, J. História e Memória. 5. ed. Campinas Editora UNICAMP, 2003. p. 405-461.

NASCIMENTO, A. G.; CARVALHO, M. F. D. A.; RIBEIRO, S. H. C. Cartografia dos caminhos: entre trajetos e narrativas sobre as formações urbanas mineiras nos séculos XVIII-XIX e os caminhos históricos indígenas. In: Martha Luiza Costa Vieira e Arleson Eduardo Monte Palma Lopes. (Org.). Povos indígenas citadinos e Políticas Públicas: Abordagem das políticas indigenistas no contexto urbano. 1ed. Guarujá: Científica Digital, 2023, v. 1, p. 78-94.

NASCIMENTO, A. G.; CIONI, I. F.; PEREIRA, M. C. A.; SILVA, P. J. C.; RIBEIRO, S. H. C. Urbanização, Caminhos e Iconografia: Recortes e processos mineiros. In: VII Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, 2021. Disponível em <<https://www.even3.com.br/anais/arqdoc2021/>> Acessado em 24/01/2025.

MONTEIRO, L. N. A congada é do mundo e da raça negra. Memórias da escravidão e da liberdade nas festas de congada e moçambique de Piedade do Rio Grande-MG (1873 - 2015). Tese (doutorado). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016. Disponível em <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1837.pdf>> Acessado em 12/06/2025.

RAVELLI, L. J. Análise do espaço: adaptação e ampliação de esquemas multimodais. In: Matraga. Rio de Janeiro, v. REZENDE, A. M. N. Fluxos Globais no Século XVIII: a produção do *modus vivendi* e *operandi* no entorno da Estrada Real Picada de Goiás. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, P. O reverso do tempo: Na história de Formiga, há o choque entre o ontem e hoje. In: A Par. Formiga, Ano X, Ed. 241, dezembro/2013.

VELY, E., Frei. Entrevista a Marcelo José Silva. Belo Horizonte. Fevereiro/2025.

O CAMINHO DAS BOIADAS E O POVOAMENTO DO SERTÃO

NASCIMENTO, Adriana Gomes do e CARVALHO, Marília Ávila

UFSJ/PIPAUS; UFSJ/PIPAUS

adrianan@ufs.br; mariliadefatimaavilacarvalho@gmail.com

Linha: Recepção, Crítica e Experiência - Narrativas Contemporânea

O tema são caminhos pernambucanos e baianos das boiadas sertanejas, a expansão do gado e o povoamento do sertão brasileiro na bacia do São Francisco. Percorreremos os séculos XVII ao XIX para o gado colonial e os XX e XXI para o gado industrial. Consultamos entrevistas a boiadeiros, o vaqueiro Manuelzão e o boiadeiro Cláudio Mendonça; mapas do IBGE da rede urbana do São Francisco; monografias, dissertações e teses sobre o São Francisco na longa duração estudada. Os caminhos do gado articularam cidades. Levantamos as dezoito variantes dos Caminhos das Boiadas.

Pretendemos mapear esses trajetos, século por século do XVII ao XXI. Numa tão longa duração, certamente há muitos caminhos que desapareceram com a modernização, ou foram substituídos por modernas rodovias e ferrovias. Outros caminhos permaneceram, se consolidaram, e conseguimos identificar dezoito caminhos a serem mapeados. Esta pesquisa suscita debate científico-acadêmico sobre a rede urbana do Rio São Francisco, onde há núcleos urbanos de várias escalas e dimensões, desde duas dezenas de pequenas comunidades quilombola, quatro aldeias indígenas até cidades de porte pequeno, médio e grande, na bacia do médio, submédio e do baixo São Francisco.

O sertão desempenha um importante papel na formação do território nacional desde os tempos coloniais. Modernamente o sertão nordestino faz parte do chamado Semiárido Brasileiro. Desde o século XVII o gado se adequou às características do ambiente semiárido e serviria de alimento e força de tração nos engenhos de açúcar. O sertão é uma grande área que abrange todo o Ceará e partes dos Estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Durante o período colonial, pecuária e povoamento do sertão estiveram intimamente ligados. A pecuária e o extrativismo das drogas do sertão eram algumas das atividades complementares que contribuíram para a interiorização do Brasil (Ivo, s.d.).

Os Caminhos das Boiadas são dezoito caminhos. O Caminho da Bahia já foi mapeado por pesquisadores baianos. Os demais caminhos estão sendo mapeados por pesquisadores mineiros.

Nosso argumento principal é que estruturas espaciais urbanas foram promovidas pelos caminhos percorridos pelos boiadeiros/ vaqueiros na expansão do gado. Na produção do espaço urbano do sertão temos que os boiadeiros/ vaqueiros foram seus agentes com suas formas de agir em relação ao povoamento do sertão

pernambucano, baiano e mineiro, à medida que mantiveram caminhos abertos e dinamizaram a economia com a compra e venda de gado.

Os pesquisadores nordestinos Monica Dantas e Esdras Arraes pesquisaram sobre o povoamento do sertão nordeste. A pesquisa conduzida por Adriana Nascimento preenche a lacuna do povoamento do sertão de Minas Gerais, do norte e noroeste mineiros.

Principais referências

Arraes, Esdras. *Rio dos currais: paisagem material e rede urbana do rio São Francisco nas capitanias da Bahia e Pernambuco*. Estudos de Cultura Material. Anais do Museu Paulista. 21 (2). Dez 2013.

Dantas, Mônica Duarte. Povoamento e ocupação do sertão de dentro baiano (Itapicuru, 1549-1822). *Geography*, 2000. Disponível em: semanticscholar.org. Espaço Agro Rural.

Referências complementares

Barbosa, Waldemar de Almeida. *História de Minas*. Belo Horizonte: Comunicação, 1979.

Brandão, Carlos Rodrigues. *Memória/sertão cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul, Editora da Universidade de Uberaba, 1998.

Bueno, Beatriz Picolotto. *Desenho e designio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2001.

Carrara, Ângelo Alves. *Antes das Minas Gerais: conquista e ocupação dos sertões mineiros*. Artigo. *Varia História* 23 (38). Dez 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752007000200019>

Carvalho, Marília de Fátima Dutra de Ávila. *Comarca do Rio das Mortes em Minas Gerais: a expansão urbana nos séculos XVIII e XIX*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: NPGAU/EAU/UFGM, 2015.

Fridman, Fania. *Cartografia fluminense no Brasil Imperial*. 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Passado presente nos velhos mapas: conhecimento e poder. 2011. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/FRIDMAN_FANIA.pdf

Moraes, Fernanda Borges de. *A rede urbana das minas coloniais: na urdidura do tempo e do espaço*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU, 2006

Nascimento, Adriana Gomes do e outros. *Urbanização, caminhos e iconografia: recortes e processos mineiros*. 7º Seminário Ibero- Americano Arquitetura e Documentação. 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/arqedoc2021>

Reis Filho, Nestor Goulart dos. *Quadro da arquitetura no Brasil*. Debates arquitetura. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Prado Junior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 1942.

Simonsen, Roberto Cochrane. *História econômica do Brasil: 1500-1820*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005 (Edições do Senado Federal; v. 34)

Vargas, Jonas Moreira. *Abastecendo plantations: a inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos (século XIX)*. História (São Paulo) v.33, n.2, p. 540-566, jul./dez. 2014 ISSN 1980-4369

REINADO, CIDADE E FESTA: REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA POPULAR EM OLIVEIRA, MG

VARGAS, Maria Amanda; GONÇALVES, Mucio Tosta Gonçalves; HIRATA, Márcia Saeko e SANTOS, Maria Clara de Oliveira

Universidade Federal de São João del-Rei
mucio@ufsj.edu.br; marciahirata@ufsj.edu.br

Linha: Recepção, Crítica e Experiência: Narrativas Contemporâneas

Sociologicamente compreendida como um conjunto de manifestações culturais e religiosas de matriz africana, o Congado ou Reinado ocorre no Brasil desde o século XVII, havendo registros da sua realização na colônia em Recife (1674) e em Salvador (1704) – e suposições de autores que fazem remontar a sua realização desde o século XVI. De acordo com Mello e Souza (2014), o congado reflete parte do processo de constituição de novas identidades dos africanos escravizados a partir da sua incorporação na sociedade colonial escravista. Sua permanência e proliferação para Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro, é indicativo das formas pelas quais foram constituídas tanto a adesão quanto a resistência dos escravizados e “libertos” nesta sociedade – por meio de corporações de ofício, irmandades religiosas, comunidades quilombolas e de grupos de revoltosos. Documentadas principalmente a partir do século XVIII, as irmandades, associações de manifestação principalmente religiosa, parecem ter se concentrado na Bahia e em Minas Gerais. Nesta última província, foram encontrados registros de cinquenta irmandades de “homens pretos”. Um dos territórios dentro das Minas nos quais o Reinado se organizou e prosperou foi o do município de Oliveira. Localizado na região do estado de Minas Gerais, Oliveira tem suas origens em paragens de tropas no caminho de Goiás, desde o século XVI. Além da localização favorável para a passagem de tropeiros e de tropas, o território do atual município foi formado pela combinação de atividades agropecuárias, mais do que pela mineração aurífera. A sua posição estratégica na rota comercial dos colonizadores foi fundamental para que um processo de formação de empresas comerciais gerasse uma acumulação local de capital. Ponto importante na rota de pessoas e mercadorias, Oliveira recebeu expressivo contingente de pessoas escravizadas. Foi nesse contexto que o Reinado de Nossa Senhora do Rosário aí nasceu. Entendemos que o Reinado presente no território oliveirense é uma performance ancestral afrobrasileira, do qual se tem notícia já no século XVIII. O Reinado em Oliveira, pelas observações de longo tempo realizadas pela primeira autora do presente resumo, constitui-se como modo e espaço de luta por reconhecimento; ambigualmente, não parece se constituir como um espaço de discussão sobre as desigualdades sociais e os privilégios da elite branca territorial, mesmo quando essa elite branca “acata” os reinadeiros como elementos de uma festa católica. O Reinado oliveirense, nesse sentido, é representado localmente, sobretudo, como um espaço de festa. A representação da festa a partir da sua subordinação à

religiosidade católica, excluindo a ancestralidade religiosa de matriz africana, parece provocar um silenciamento da identidade, ainda que o festejo seja uma festa negra. Não obstante, é possível ver e ler o Reinado como festa que inventa usos alternativos para a cidade, constituindo uma territorialidade negra local que sustenta a resistência ao modo dominante de fazer religião. Descrever e analisar qual é o papel desta festa na formação da identidade afrobrasileira e na constituição dos espaços políticos e sociais urbanos, a partir das dinâmicas dos dias do Reinado de Oliveira, é o que se propõe discutir no presente trabalho.

SESSÃO DE ARTIGOS 03

Sustentabilidade, Arte e Filosofia

Das 15:30 às 17:00

SUSTENTABILIDADE, RECIPROCIDADE E INTEGRAÇÃO REGIONAL: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL SOBRE O MERCOSUL

FRANCELINO, Delton Mendes e PATRÍCIA, Laynara

Casa da Ciência e da Cultura

deltonmusica@gmail.com; laynara.patricia05@gmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas

A sustentabilidade, enquanto paradigma de desenvolvimento, tem sido historicamente abordada a partir de perspectivas ocidentais e tecnocráticas, que muitas vezes desconsideram os saberes locais, as práticas comunitárias e os vínculos históricos entre os povos da América Latina. No entanto, à luz das crises ambientais, sociais e econômicas contemporâneas, torna-se urgente repensar as formas de integração econômica e política entre os países latino-americanos sob uma ótica de reciprocidade e solidariedade. O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), foi concebido como estratégia de integração econômica entre países do Cone Sul, visando a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos. Contudo, mais do que uma simples união comercial, o MERCOSUL pode ser reconfigurado como um espaço estratégico para práticas sustentáveis baseadas em princípios de justiça social, equidade ambiental e integração cultural.

Este artigo parte da premissa de que a reciprocidade entre países, compreendida não apenas como troca de bens, mas como partilha de saberes, culturas e tecnologias, é um elemento chave para a construção de mercados sustentáveis e politicamente mais justos. O problema central investigado é: como o MERCOSUL pode operar como plataforma para uma integração regional sustentável que enfrente os legados coloniais de dependência e desigualdade? Para tanto, adota-se uma metodologia qualitativa de base teórica, ancorada em três autores do pensamento decolonial: Walter Mignolo, Catherine Walsh e Danilo Assis Clímaco Quintano. Mignolo (2005) contribui com o conceito de "lógica da colonialidade", que ajuda a compreender como a estrutura econômica do MERCOSUL ainda carrega traços da colonialidade do poder. Walsh (2009), por sua vez, propõe uma "epistemologia do sul" que valoriza as vozes indígenas, afrodescendentes e populares na construção de alternativas econômicas. Já Quintano (2021) contribui com reflexões sobre interculturalidade decolonial e as possibilidades de reconfiguração das instituições regionais a partir das práticas dos povos tradicionais.

A análise evidencia que, embora o MERCOSUL tenha sido moldado por uma lógica neoliberal em seus primeiros anos, existem brechas e experiências dentro do bloco que sinalizam uma possível transição para modelos baseados na reciprocidade e na sustentabilidade. Iniciativas como o Programa de Agricultura Familiar do MERCOSUL (REAF), que promove trocas entre produtores rurais com base em princípios agroecológicos, demonstram como a integração regional pode se articular com a justiça

ambiental. O principal resultado do estudo é a defesa de que a sustentabilidade no contexto regional só pode ser efetivamente alcançada se for acompanhada de um processo de revalorização das práticas econômicas e sociais que rompam com a colonialidade. A reciprocidade, neste sentido, não é apenas um princípio econômico, mas uma forma de resistência e reconstrução de modelos de desenvolvimento ancorados em redes de solidariedade e reconhecimento mútuo entre os povos do sul global.

SUSTENTABILIDADE E LIBERDADE FEMININA: INTERSEÇÕES ENTRE JUSTIÇA SOCIAL E AGENDA 2030

PEREIRA, Flávia Aparecida e FRANCELINO, Delton Mendes

Casa da Ciência e da Cultura

flaviaapereiravit88@gmail.com; deltonmusica@gmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas

O presente estudo busca explorar a implicação da liberdade das mulheres como condição essencial para a sustentabilidade, com base nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que integram a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Liberdade é um conceito amplo, que tem sido discutido há séculos, mas que, em contrapartida, ainda tem sido percebido como algo dificilmente atingido por populações vulnerabilizadas, como as mulheres.

Metodologicamente, recorreremos a autores como Amartya Sen (1999) e seus estudos acerca da Liberdade como condição para o futuro, Pedrinho Guareschi (2008) com estudos e observações a partir da Psicologia Social e inserção do indivíduo em modelos econômicos existentes, e Francelino (2017; 2023) com seus postulados acerca da Ecologia Urbana, qualidade de vida e existência nas cidades. A partir da perspectiva analítica de Amartya Sen (1999), o desenvolvimento é entendido como um processo que transcende fatores econômicos, englobando aspectos sociais e a ampliação das liberdades individuais. Destarte, tal como arrazoa Francelino (2023), o direito à cidade também é o direito à vida plena, parte de sociologias para um Tratado para a Existência Ambiental. Logo, propõe-se, neste estudo, que a liberdade das mulheres é parte de um conjunto de inter-relações fundamentais para o desenvolvimento sustentável.

A provisão de serviços básicos como educação, saúde e bem-estar social permite que as mulheres ocupem espaços de tomada de decisão em diversas áreas, contribuindo diretamente para uma sociedade mais justa e sustentável. O pensamento de Pedrinho Guareschi (2008) pesquisador da área da Psicologia Social, também é relevante ao discutir os modelos de produção predominantes no mundo contemporâneo. Ele destaca como, em sistemas econômicos majoritariamente capitalistas, os indivíduos são muitas vezes concebidos como unidades isoladas, sem relações sociais entre si.

Dentre os resultados do estudo, destaca-se a inviabilidade de perspectivas reais de sustentabilidade se, ainda, mulheres continuarem expostas à misoginia, insegurança e preconceitos. Por este motivo, no que se refere aos 17 ODS da Agenda 2030, propõe-se que sua utilização, em termos reflexivos e práticos, sempre ocorra de maneira integrada entre todos, com atenção especial para os que tratam das questões e mazelas sociais. Em sociedades estruturalmente marcadas por machismo e racismo, as mulheres são frequentemente delegadas a funções de trabalho doméstico, não remunerado e invisibilizado, ou inseridas no mercado de trabalho como mão de obra barata, mesmo quando desempenham as mesmas funções que homens. Dessa forma, é urgente a inter-

relação dos ODS, conectando o enfoque ecológico às dimensões sociais, culturais e de justiça, em consonância com a Declaração dos Direitos Humanos (1948), visando a igualdade e estabilidade para gerações atuais e futuras.

A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E A CRISE AMBIENTAL: DIÁLOGOS ENTRE MARCUSE, SUSTENTABILIDADE E NOVA SENSIBILIDADE

SANTOS, Cleiterson Paulo dos

UFOP

cleiterson.santos@aluno.ufop.edu.br

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas
Palavras-chave: Marcuse, Teoria Crítica, Estética, Sustentabilidade,

Pensar arte e sustentabilidade na cultura popular da cidade exige uma reflexão filosófica profunda, já que a filosofia nos permite ir na raiz das questões questionando pressupostos, valores e a própria maneira de como concebemos a arte e a natureza em sua forma atual, inserida numa lógica de produção e consumo insustentável. Herbert Marcuse, filósofo alemão da teoria crítica, nos oferece uma reflexão sobre a liberdade, que inclui a liberdade do discurso de sustentabilidade, a qual ultrapassa as fronteiras da mercadoria. Repercutir sustentabilidade à luz do pensamento marcuseano é abrir-se ao protesto das coisas tal como estão dispostas, a Grande Recusa da estrutura de poder que resiste à mudanças significativas. Ao refletir sobre a unidimensionalidade da sociedade capitalista avançada e sua capacidade de aniquilar e incorporar qualquer discurso de contestação, Marcuse nos lega uma fresta de esperança revolucionária ao falar sobre o surgimento de uma nova sensibilidade, o "outro" fora da lógica hegemônica. A proposta de Marcuse, em sua interdisciplinaridade, é o reavivamento de uma sensibilidade autêntica, o resgate da cultura popular absorvida pela indústria, a transformação qualitativa na própria experiência humana e a dimensão estética como ferramenta, exterior ao mercado da sustentabilidade, como um importante agente de transformação cultural. O vislumbre dessa nova sensibilidade está intrinsecamente ligado às práticas de sustentabilidade, que implica um olhar aprofundado para as nossas relações, nosso modo de vida consumista, que moldam nossa sensibilidade e razão, reprimindo o poder da imaginação. Os conceitos de Marcuse podem ser concretos e aplicados em manifestações da cultura popular, de práticas que expressam o espírito da nova sensibilidade e desvelam a beleza da harmonia reprimida por meio da libertação da razão estética. Assim, nossa reflexão neste estudo se propôs a lançar um olhar crítico para as estruturas de consumo e dominação contemporânea a fim de apresentar, com base no filósofo citado, a possibilidade de um futuro realmente sustentável.

A TRAGÉDIA COMO RESISTÊNCIA: NIETZSCHE, ARTE E SUSTENTABILIDADE NA CULTURA POPULAR

RIBEIRO, Valéria Ceranto
UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei
valeriacerantoribeiro@aluno.ufsj.edu.br

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas
Palavras-chave: Estética trágica. Ecologia de saberes. Territorialidade. Cosmologia. Epistemologias do Sul.

Este artigo propõe uma reflexão filosófica sobre a obra "O nascimento da tragédia", de Friedrich Nietzsche, em diálogo com o tema do SIPAUS 2025 — "Arte e Sustentabilidade na Cultura Popular da Cidade". A partir da análise dos impulsos apolíneo e dionisíaco como fundamentos da estética trágica, investiga-se como a arte, para Nietzsche, constitui uma força ontológica e vital de resistência ao racionalismo moderno e à lógica produtivista que separa arte e vida, corpo e pensamento, natureza e cultura. A crítica nietzschiana à razão socrática — que deslegitima o sensível em favor da abstração e da lógica — permite compreender os processos de apagamento simbólico que ainda hoje impactam as expressões culturais populares. Assim como a tragédia grega transfigurava esteticamente o sofrimento, ritos, cortejos, folias, congadas, maracatus e outras manifestações populares atualizam essa lógica trágica ao transformar a dor em celebração, o conflito em pertencimento e o finito em memória compartilhada. Ao aproximar Nietzsche de pensadores como Adorno, Boaventura de Sousa Santos, Ailton Krenak e Davi Kopenawa, o artigo evidencia que a arte popular opera como uma "ecologia de saberes" — uma prática simbólica de sustentabilidade cultural, capaz de resistir à homogeneização e à morte simbólica promovida pela modernidade técnica, colonial e capitalista. Através de uma estética do sensível, essas manifestações sustentam saberes ancestrais, espiritualidades plurais e formas coletivas de existência que se enraízam no território e na memória. Trata-se de compreender a arte não como mero ornamento ou entretenimento, mas como potência de criação, resistência e reinvenção do comum. A leitura nietzschiana do trágico, articulada às cosmologias ameríndias e aos pensamentos decoloniais, revela que a sustentabilidade cultural não se limita à preservação de bens imateriais, mas envolve a manutenção de práticas vivas que reintegram o humano à sua dimensão estética, ética, sensível e coletiva. A arte, nesse contexto, surge como mediação entre o visível e o invisível, o real e o simbólico, o presente e a ancestralidade. Ela não explica o sofrimento, mas o acolhe e o transfigura, oferecendo à comunidade meios de enfrentar o caos sem sucumbir ao desencanto. Por fim, o artigo defende que reconhecer as culturas populares como tragédias vivas é também reconhecer nelas uma pedagogia da resistência e da sustentabilidade — uma estética do viver que canta, dança, narra e celebra a vida mesmo em sua dor. Inspirado no espírito trágico nietzschiano, este trabalho reafirma a arte

como força vital, necessária para que possamos, enquanto coletividade, não apenas sobreviver, mas existir plenamente, em comunhão com o sensível e o diverso.

POÉTICAS DA SUSTENTABILIDADE NA FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO

PEREIRA, Maria Cristina Alves Pereira e NASCIMENTO, Adriana G.

Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (PJF); Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)
mcristinaalvespereira@msn.com; adrianan@ufs.juizdelrei.br

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas
Palavras-chave: Sebastião Salgado, fotografia, Sustentabilidade visual, Processo psicossociocultural

A trajetória histórica da fotografia configura-se como campo privilegiado para analisar as relações entre tecnologia, cultura e sociedade. Desde seu surgimento no século XIX até a era digital contemporânea, a fotografia tem modificado profundamente os processos psicossocioculturais, transformando a construção de perspectivas individuais e coletivas sobre o mundo. Este estudo parte do pressuposto de que a evolução tecnológica da fotografia está intrinsecamente ligada às mudanças na percepção humana do espaço e das relações sociais, constituindo-se como importante instrumento de análise das dinâmicas socioculturais.

Como prática cultural complexa, a fotografia articula poéticas artísticas, memórias coletivas e urgentes questões socioculturais e ambientais. Este trabalho propõe uma reflexão inter e transdisciplinar sobre a produção visual de Sebastião Salgado, examinando como suas imagens constroem narrativas que transcendem o documento fotográfico para se tornarem discursos sobre sustentabilidade, justiça social e resistência cultural. Trata-se de um trabalho documental que reconhece a fotografia como contrato social e espaço de disputa política. Nesse contexto, a obra do fotógrafo configura-se como um arquivo visual que tensiona as fronteiras entre arte, ativismo e epistemologias ambientais.

No contexto brasileiro, pesquisadores como Milton Guran (2012) e Rosângela Rennó (2006) discutem a fotografia como tecnologia de memória e esquecimento, o que confere à produção de Salgado camadas adicionais de significado. Seus projetos — *Gênesis* (2013), *Amazônia* (2021) e *Êxodos* (2000) — não apenas documentam realidades, mas propõem uma ecologia de olhares que confrontam modelos hegemônicos de desenvolvimento. Essa abordagem dialoga com as chamadas "poéticas da sustentabilidade", que articulam saberes indígenas e críticas ao antropocentrismo. Além disso, a escolha estética do preto e branco, conforme observa estudiosos, em contraste com a saturação cromática da cultura digital contemporânea, reforça uma temporalidade expandida, convidando o espectador a refletir sobre ciclos de destruição e regeneração.

Metodologicamente, analisa-se como as imagens produzidas por Sebastião Salgado ressoam e instigam debates atuais sobre a crise climática, demonstrando seu impacto psicossociocultural na construção de uma poética socioambiental. Deste modo, o trabalho de Salgado opera como um recurso de sustentabilidade visual, já que sua

estética se torna um campo de ação política. Seus retratos de povos indígenas e trabalhadores rurais, por exemplo, não apenas denunciam injustiças, mas ativam redes de solidariedade global. Assim, suas narrativas fotográficas não apenas sensibilizam, mas demandam ativamente processos de reparação histórica e ambiental.

Paralelamente, investigamos como essas estratégias visuais têm sido apropriadas em contextos terapêuticos - particularmente na fototerapia como recurso da arteterapia - e educacionais, à luz das pesquisas brasileiras recentes sobre fotografia, cognição e desenvolvimento psicossocial. Essas aplicações práticas demonstram o potencial transformador da linguagem fotográfica em múltiplas dimensões da experiência humana.

Propõe-se, portanto, que a fotografia, quando entendida como prática transdisciplinar — entre arte, ciência e ativismo — pode reconfigurar a relação com a natureza. As ""poéticas da resistência"" presentes nos registros de Salgado e de outros fotógrafos sugerem novos paradigmas epistemológicos, nos quais o visual se torna um espaço de reencantamento do mundo, alinhando-se ao pensamento de Ailton Krenak (2019) sobre ecologia e existência. Desse modo, a fotografia transforma a sustentabilidade em estratégia política ao tecer conexões críticas entre diferentes temporalidades e territorialidades.

Referências bibliográficas

AZOULAY, Ariella. *The Civil Contract of Photography*. New York: Zone Books, 2012.

CULTURA (Fundação Padre Anchieta). Programa Roda Viva (Retrô) . Entrevista Sebastião Salgado de 16 de setembro de 2013. Postado em 19 de mar. de 2015

Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=clQKBpilxR4&t=19s>> acesso em 11/06/2025.

DW Brasil. Especial Sebastião Salgado | Brasileiro fala sobre fotografia, história e atualidade | Camarote.2.. 27 de fev. de 2020. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=bY6HdPMtqpA&t=12s>> acesso em 07/06/2025.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2012.

_____. *Identidade Agudá espelhada no tempo: fotografia como instrumento de pesquisa social – um relato de experiência*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 2, p. 557-565, maio-ago. 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/fXBDsBhLxTYShFf69qh6dzt/?format=pdf&lang=pt>> acesso em 14/06/2025.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em <<https://cpdel.ifcs.ufjr.br/wp-content/uploads/2020/10/Ailton-Krenak-Ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>> acesso em 11/06/2025.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e Antropoceno: desafios contemporâneos. In: Anais do Museu Paulista, v.24, n.1, 2016. Disponível em <https://www.academia.edu/98150557/O_Olho_do_Antropoceno_fotografia_diante_do_tempo> acesso em 12/06/2025.

_____. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. ArtCultura, [S. l.], v. 10, n. 16, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1495>. Acesso em: 15 jun. 2025.

RENNÓ, Rosângela. A fotografia como arte contemporânea. In: FERREIRA, G.; COTRIM, C. (Orgs.). Escritos de artistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SALGADO, Lélia Wanick; SALGADO, Sebastião. Instituto Terra: 20 anos de transformação. Rio de Janeiro: Instituto Terra, 2018.

SALGADO, Sebastião. Êxodos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Amazônia. São Paulo: Taschen, 2021. 528 p.

_____. Gênesis. São Paulo: Taschen, 2013.

_____. Gênesis. [Exposição]. Curadoria de Lélia Wanick Salgado. Belo Horizonte: Palácio das Artes, 4 de junho e 24 de agosto.

SALGADO, Sebastião; FRANCO, Isabelle. Da minha terra à Terra. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. São Paulo: Paralela, 2014.

SALGADO, Sebastião. Amazônia: o chamado da floresta. Direção: Juliano Ribeiro Salgado. Brasil/França: Amazonia Films, 2022.(Documentário). Disponível em <<https://www.primevideo.com/detail/Amazônia-o-Chamado-da-Floresta/>> acesso em 11/06/2025.

SANTAELLA, Lúcia. Fotografia: linguagem e cognição. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SANTOS, Lara D assunção dos. Fotografia e cultura da exploração: uma leitura geográfica de Gênesis, de Sebastião Salgado. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/13421>> acesso em 11/06/2025.

SIBILIA, Paula. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, André L. Sebastião Salgado e a fotografia humanista: uma análise de ""Êxodos"". Revista Brasileira de Fotografia, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2015.

SIMIONI, Érika de Lima Santana. Estética e ficcionalidade na fotografia social de Sebastião Salgado. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2018. Disponível em <<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=494174&tipoMidia=0>> acesso em 15/06/2025.

SWI swissinfo.ch - Português. A Genesis de Sebastião Salgado. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UDx4N-a1X70>> acesso em 10/06/2025.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas canibais. São Paulo: Cosac Naify, 2015."

NATIVA: GESTO FOTOGRÁFICO COMO EXPERIÊNCIA DE CUIDADO

NOGUEIRA, Natália Roberta Chagas
Universidade Federal de São João Del Rei
natalianogueira609@gmail.com

Linha: Processos criativos
Palavras-chave: fotografia autoral; cuidado de si; corpo feminino; Serra de São José; memória.

Este texto apresenta um relato de experiência do projeto Nativa, desenvolvido desde 2017 como prática fotográfica autoral voltada à elaboração de subjetividades femininas em diálogo com a paisagem natural. A fotografia, compreendida para além de sua função técnica, manifesta-se aqui como linguagem estética e política capaz de tensionar padrões normativos de representação do corpo e de ativar narrativas de pertencimento e memória.

O trabalho parte de uma vivência autobiográfica e se expande para acolher mulheres que buscam, no ensaio fotográfico, um rito de reconciliação consigo mesmas. Os encontros ocorrem preferencialmente em ambientes abertos, com destaque para a Serra de São José, no Campo das Vertentes em Minas Gerais. A serra, nesse contexto, se torna extensão simbólica do corpo retratado e mediadora de afetos. O relato mobiliza referenciais teóricos que abordam o corpo como território de memória (ROLNIK, 2016; KILOMBA, 2019) e a fotografia como prática de fabulação de si (BRUNO, 2014; BITTENCOURT, 2022).

As narrativas visuais e os testemunhos de participantes evidenciam a potência do gesto fotográfico como dispositivo de cuidado de si: ao se verem inseridas na paisagem, muitas mulheres relatam sentimentos de libertação, autoestima e ressignificação de aspectos de suas histórias pessoais. Assim, o relato reafirma a fotografia autoral como prática estética e ética, capaz de costurar presenças e reinventar sentidos para corpos e memórias que, historicamente, foram invisibilizados.

SESSÃO DE ARTIGOS 04

Arte, Criatividade e Processos Culturais

Das 18:30 às 20:00

CERÂMICA GEEK

FONSECA, Vanessa Andrade
Universidade Federal de São João del-Rei
andradevanessa7700@gmail.com

Linhas: Processos criativos
Palavras-chave: Design de jogos; xadrez; cerâmica; mitologia indígena brasileira; geek.

Este trabalho de conclusão de curso é um reaproveitamento de um projeto de pesquisa em design do produto que visa a criação de um jogo de xadrez cerâmico baseado na estética dos jogos eletrônicos que fazem parte da cultura Geek, mesclados à mitologia indígena brasileira e ao formato de narrativa – A jornada do herói – apresentado por Christopher Vogler em seu livro “A jornada do escritor”. Desta forma visamos introduzir um pouco mais da cultura pop no mundo acadêmico utilizando da comunicação entre esses dois polos divergentes, além de investigar e referenciar uma mitologia muito rica, porém pouco abordada.

OS NEGROS NA HISTÓRIA DA ARTE

CAETANO, Thiago Luiz Guimaraes

UFSJ

thiagollguima@gmail.com

Linha: Processos criativos

Quando pensamos na história da humanidade, suas culturas e processos, é de um comportamento comum analisarmos a partir de uma perspectiva padrão, geralmente nos ensinada desde a tenra idade. A perspectiva do outro, como base de raciocínio, muitas vezes nos guia para uma linha de interpretação, sem nem ao menos notarmos, exigindo do indivíduo muitas vezes a necessidade de questionar esses conhecimentos primários e padrões para poder ampliar seu campo de visão e vislumbrar outras possibilidades de pensamento, conforme se desenvolve.

Como, por exemplo, a religião. Seus dogmas e crenças, ao apresentados ao indivíduo desde sua infância, podem influenciar positiva ou negativamente os valores, ideias e modos de viver na sociedade onde ele pode estar inserido. Compreendendo que esse movimento pode acontecer por séculos, é fácil analisar que se uma mesma história vem sendo apresentada por anos, consequentemente outras histórias acabam sendo excluídas e marginalizadas dentro do acesso ao conhecimento comum da população. A religião existe desde os primórdios da humanidade e ainda hoje muitas religiões ainda são completamente invisibilizadas e ignoradas, por exemplo.

A partir dessa invisibilização, exclui-se também a possibilidade de um discurso amplo e coletivo, onde várias linhas de pensamento, valores e regras são excluídas. A falta de uma possibilidade ao acesso natural a outras linhas de ideias, desencadeia em um vazio de conhecimento e domínio de outras realidades e vivências, criando uma sociedade que já nasce e cresce moldada a uma linha de raciocínio e valor, excluindo outras narrativas e principalmente, seus narradores.

A participação do negro dentro da história e construção do Brasil é indiscutível, porém sua vivência e ocupação social não só atualmente mas desde os princípios do nascimento desse país, apresenta o modo como a negligência e a falta de valorização de sua participação culminou no abandono desse grupo dentro da realidade brasileira, sendo refletido no modo como ainda vivem hoje. A história do negro foi contada e recontada a partir da perspectiva enquanto objetos que aqui foram trazidos e utilizados, porém, deixados a margem, sem nunca terem sua história como protagonista, e que após séculos de negligência culminou em uma parcela de população que nunca teve acesso efetivo a uma vida digna. Entende-se que as ideias também se refletem no espaço, sendo público ou privado. A cidade, espaço físico onde essas manifestações acontecem, pertence teoricamente a todos e todas.

Porém, ao se analisar a realidade de suas populações e grupos, principalmente minoritários, é de se notar que a falta de um protagonismo por séculos resultou em uma

nação que, embora construída por todos, só é efetivamente apropriada de forma justa por alguns grupos em específico.

A população negra, chegada de modo escravizado ao Brasil, foi essencial para o desenvolvimento social, cultural e físico desse país, porém ainda não existe seu reconhecimento justo. É necessário reconhecer esses grupos, de acordo com as regiões onde ocuparam e colaboraram, trazendo assim um protagonismo as suas histórias e vivências, os reconhecendo como pessoas e não como objetos sem vidas e nomes.

Para que uma sociedade se desenvolva de forma justa, é essencial, antes de tudo, que exista justiça e dignidade a sua população. O processo histórico de apagamento de identidades de homens e mulheres negros sequestrados para o Brasil desencadeou em uma sociedade que mesmo após séculos ainda não reconhece esses indivíduos enquanto bases da construção social e cultural brasileiras, assim como seu povo que ainda vive marginalizado e em condições inferiores de existência. Trazer o protagonismo e iluminar os nomes e histórias desses grupos é um passo básico para garantir uma efetiva valorização de suas existências e almejar um presente e futuro digno e justo para seus descendentes.

Os objetivos dessa pesquisa são:

Pesquisar e reconhecer a representação do negro dentro da história da arte durante os séculos, a partir de seu protagonismo na representação artística.

Compreender como foram representados, quem eram, e catalogar seus dados, assim como os artistas que os representaram ao longo da história.

Pesquisar a representação no negro na arte, especialmente na arte brasileira, enquanto figura representada e/ou artista. Catalogar imagens e representações desses indivíduos, com o objetivo de reconhecer e iluminar as figuras, nomes e artistas negros representados na arte brasileira ao longo dos séculos. Ao se reconhecer essas imagens e figuras, aponta-se uma luz que permite efetivamente reconhecer a existência desses indivíduos que por aqui viveram e morreram, sendo reconhecidos enquanto homens, mulheres, crianças, adultos e idosos, seres que mais do que escravizados eram parte de um povo, e ocuparam, construíram, desenvolveram e moldaram os mais diversos aspectos da realidade brasileira, sendo finalmente lembrados e mencionados em suas dignidades, e não apenas como corpos negros sequestrados.

A TEORIA DA SEMIÓTICA COMO INDUTORA DO PROCESSO CRIATIVO. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRABALHOS DA UNIDADE CURRICULAR “LINGUAGEM NÃO VERBAL”

SOUZA, Daniel Boechat Damaceno; WECK, Natália Abreu e CORGHI, Fernanda Nascimento
UFSJ – PIPAUS
danielboechatds@aluno.ufsj.edu.br; nataliaweck@aluno.ufsj.edu.br; corgho@ufsj.edu.br

Linha: Processos criativos

A compreensão das diversas abordagens para os processos criativos, no transcorrer da formação em Arquitetura e Urbanismo, é um exercício que deve estar em constante evolução, compreendendo os inúmeros meios de expressão que podem auxiliar na concepção de espaços, proposições em design, projetos em escala urbana, entre outros. Ao explorar a subjetividade do fazer artístico, interseccionando estudos em, por exemplo, música, audiovisual, cerâmica, dentre outras experimentações que se somem ao comumente utilizado desenho à mão, o arquiteto e urbanista, ou estudante, amplia sua base criativa, potencializando sua articulação de referências, proposições e inovações projetuais. O estudo da semiótica, ou “ciência dos signos”, mostra-se como alicerce na formação do bom projetista, comunicador, artista, entre diversas outras áreas. É daí que se busca enxergar além do visível, transmitir uma mensagem para além do verbal, óbvio e comum, experimentando os mais diversos meios para se exprimir uma ideia. Estes meios são agentes determinantes em nosso cotidiano, resultantes de consequências desde políticas a pessoais, psíquicas, morais, entre outras. Apreende-se que a comunicação parte não só através das palavras, mas dos sentidos sensoriais, das formas e dos sinais, dos gestos. Dessa forma, o Arquiteto e Urbanista, criador/formulador/remodelador de espaços, experiências e relações, torna-se um comunicador, e seus produtos, as mensagens. Este artigo parte dos estudos propostos na unidade curricular “Linguagem Não Verbal”, ministrada pela Profa. Dra. Fernanda Nascimento Corghi, no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de São João del-Rei, ofertada no segundo semestre do ano de 2024. Objetiva-se aqui investigar o papel dos estudos de linguagens e mídias na formação e no ofício do Arquiteto e Urbanista, retomando e ampliando a construção de conhecimento realizada além da sala de aula. Para tal, tomou-se como proposta metodológica a revisão e pesquisa de bibliografias que dialogassem com os temas. Foram articulados autores de diversas áreas, como Lucia Santaella, Marshall McLuhan, Lucrécia D’Alessio Ferrara, Charles Peirce e Décio Pignatari. No decorrer das aulas da unidade curricular, experiências imersivas com materiais diversos e em locais diversos permitiram ressignificações (a casa se tornou laboratório, a cachoeira uma extensão da universidade, a universidade, espaço de fazer/lazer, o teatro se converteu em espaço para experimentações plurais, a malemolência da argila permitiu trocas por saberes outros, incluindo outras experiências). O incentivo ao caminhar autônomo de cada

estudante atrelado às suas áreas de interesse permitiu a troca de saberes horizontal, e a transmissão de saberes solidária, visando aos agenciamentos coletivos para a confecção dos trabalhos e aprendizados únicos advindos do coletivo. Vê-se, por fim (mas não uma interrupção epistemológica), esta produção como evidência da possibilidade de se ampliar o escopo dos estudos interseccionais entre os campos linguísticos e das artes, com os que se referem ao estudo autônomo da prática da produção do espaço e experiências humanas, considerando as afecções como fundamentais para a expansão dos paradigmas do estudante de arquitetura e urbanismo.

A INSUSTENTÁVEL DUREZA DA MOEDA NO REGISTRO DA ARTE: NOTAS SOBRE DINHEIRO E ARTE NO CAPITALISMO

GONÇALVES, Mucio Tosta

UFSJ

mucio@ufs.br

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade

“Dinheiro na mão é vendaval” (Paulinho da Viola, 1975)... O que pensar, então, no que ele pode ser quando se sabe ser ele móvel, isto é, objeto e símbolo que passa de mão em mão. O dinheiro, segundo Velthuis (2005), é um sistema simbólico tal como a arte, uma vez que os valores de ambos são construções sociais, sustentados por instituições e convenções sociais que lhes dão legitimidade. Afinal, como sugere o autor: “Sem fé em um pedaço de papel pintado, nenhuma troca haveria de ter lugar. Sem nenhuma noção de convenção artística, nenhuma arte teria existência”. Maior dos símbolos e manifestação dos limites da nossa existência concreta, o dinheiro também pode ser pensado como Deus, símbolo dos símbolos para quem nele acredita. Assim se manifestou Marx ([1844] 2010), ao afirmar que o dinheiro “humilha todos os deuses do homem – e os transforma em mercadoria”, uma vez que é o valor universal de todas as coisas, essência alienada do trabalho e da existência humanos, que o domina e que ele cultua. Mercadoria socialmente eleita para mediar a troca e representar o valor, que produzimos apesar de vê-lo como coisa que se opõe a nós, o dinheiro permite que se mova o (um) mundo alienado, alienando-o. Em torno do dinheiro, existe, pois, mistério. Não é isso, no sentido do existencialismo proposto por Marcel Duchamp (1956), uma possibilidade de pensar a arte? Para o autor, a atividade pela qual o sujeito humano afirma sua verdadeira individualidade ultrapassa o “estado animal”, uma vez que ela é um “portal para dimensões que não são governadas pelo tempo e pelo espaço”. Ou, tal como (supostamente) ponderou Salvador Dali: “Dinheiro é glória”. Considerando essa argumentação, pergunto: como o dinheiro é representado do ponto de vista artístico? A questão é pertinente porque, julgo, se refere à comparação entre dois sistemas de representação: o monetário e o artístico. Para Siegel e Mattick (2010), se a arte é parte do mundo social, ela se transforma em função dos interesses deste mundo – o que inclui o dinheiro como meio de troca da produção artística tanto quanto objeto próprio da arte. Para os autores, a arte é, na verdade, “produto do mesmo desenvolvimento histórico que nos propiciou uma sociedade regida pela busca do dinheiro” (op. cit., p. 31), o que está intimamente articulado com a função básica do dinheiro, que é a “representar a relevância social das várias atividades produtivas conduzidas por indivíduos e empresas” (op. cit. p. 30). Se for adicionado a isso o que afirmou Andy Warhol - “Ganhar dinheiro é arte, trabalhar é arte e um bom negócio é a melhor das artes”, cabe uma segunda pergunta: as representações do dinheiro, por meio da arte, contribuem de que forma para pensar a sustentabilidade das relações sociais capitalistas - nas quais o dinheiro é

“senhor”, sem ser sujeito? Para responder a ambas as perguntas, a presente reflexão pretende apresentar como o dinheiro se manifesta como elemento da, para e pela arte. Isso será feito a partir de um olhar sobre produções da “Money Art” – como as de Damien Hirst, por exemplo – até aquelas críticas da sociabilidade e da arte apropriada pelo capitalismo – tais como as de Plínio Marcos, Cildo Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Pink Floyd, Chris Burden, William (Bill) Ernest Drummond e Alexander Davidovich Brener, por exemplo.

HABITAR PARA CRIAR: A CASA DO ARTISTA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

CARVALHO, Marcus Vinícius de Moura
UNIFATEA - Centro Universitário Teresa D'Ávila
marcasmouraarquitetura@gmail.com

Linha: Processos criativos

O artigo apresenta o desenvolvimento do projeto arquitetônico denominado "A Casa do Artista", uma residência-ateliê localizada na cidade de Lorena-SP, que propõe um diálogo entre produção artística, sustentabilidade e cultura local, em sintonia com os debates contemporâneos sobre urbanidades e processos criativos. Resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo, a proposta nasce da demanda por espaços residenciais híbridos que acolham tanto a vida privada quanto a produção artística, principalmente no contexto pós-pandêmico, em que o lar se tornou também espaço de trabalho, criação e resistência cultural. O projeto parte da investigação sobre as novas configurações de moradia e produção artística urbana, propondo a criação de ambientes que favoreçam processos poéticos e criativos ligados às artes visuais e à música, em interação com o entorno natural e social da cidade. A implantação próxima a uma Área de Preservação Permanente (APP) e ao Parque Ecológico do Mondesir amplia a conexão com a paisagem, reforçando estratégias de biofilia, eficiência energética e conforto ambiental, elementos que integram as dimensões espaciais, simbólicas e sustentáveis da proposta. A "Casa do Artista" articula o conceito de tripartição espacial (áreas íntima, social e de serviços), tradicional na arquitetura residencial brasileira, com a inserção de um novo setor voltado à criação artística multimídia. Esse setor contempla ateliê de artes visuais, estúdio musical com isolamento acústico e espaços expositivos, que valorizam a produção cultural como forma de expressão e resistência, alinhada à cultura popular urbana. Além dos aspectos projetuais, o trabalho se ancora em referenciais teóricos que dialogam com os campos da arquitetura, da arte e da sustentabilidade. A pesquisa envolveu estudos de caso, análises climáticas, levantamento de condicionantes legais e exploração de conceitos como biofilia e urbanidades sustentáveis. Ao articular arte, ciência e espaço urbano, a proposta busca contribuir para o debate interdisciplinar sobre os modos de habitar e criar na cidade contemporânea, evidenciando a importância de espaços que promovam a diversidade cultural, a sustentabilidade e a valorização dos processos criativos como instrumentos de transformação social.

CORPO, RITMO E RAÍZES: O PROCESSO CRIATIVO DA COMISSÃO DE FRENTE DE UMA ESCOLA DE SAMBA DE PERIFERIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A VALORIZAÇÃO DAS TRADIÇÕES CARNAVALESCAS E DA IDENTIDADE COMUNITÁRIA

ALMEIDA, Lilian Cristina de Almeida e CORGHI, Fernanda Nascimento
Universidade Federal de São João del-Rei
liliancalmeidas@aluno.ufsj.edu.br ; corgho@ufsj.edu.br

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade
Palavras-chave: Coreografia; Processo criativo; Escrivência; Carnavalesco; Comissão de Frente

Este artigo apresenta o processo de criação da comissão de frente da Grêmio Recreativo Escola de Samba (GRES) Unidos de São Geraldo, uma escola de samba de periferia localizada em São João del-Rei, Minas Gerais. Foi fundada em 1979 como Bloco Unidos de São Geraldo, adquirindo o status de GRES em 1990 e desfilando como Escola de Samba pela primeira vez em 1991.

A pesquisa foca nas coreografias desenvolvidas nos anos de 2019, 2023 e 2024, criadas por mim, Lilian, em parceria com Augusto Faria. O objetivo foi entender e documentar cada etapa da produção dessa comissão de frente, que é uma parte fundamental do desfile, pois abre o enredo e impacta diretamente na avaliação da escola.

A comissão de frente, composta por membros da comunidade muitas vezes sem formação artística formal, tem um papel simbólico importante, representando a escola com emoção, sincronia e dedicação. Conforme os coreógrafos, essa criação vai além de uma simples apresentação; ela é uma expressão de amor e identidade comunitária. A abordagem utilizada é a "escrivência", conceito inspirado em Conceição Evaristo(2007;2009), que valoriza as experiências vividas pela comunidade por meio da oralidade e da narrativa de suas histórias.

A pesquisa também se apoia nas reflexões de Fayga Ostrower(2017) sobre o processo criativo, além de estratégias metodológicas como levantamento histórico, análise de imagens de desfiles e entrevista. O objetivo foi não só registrar o processo criativo, mas também analisar como a coreografia, fantasias e adereços se relacionam com a proposta do carnavalesco. Através de uma leitura crítica das imagens registradas nos desfiles, além de um exame profundo dos significados e significantes presentes na coreografia, fantasias e adereços.

O artigo destaca a importância da comissão de frente no contexto do carnaval, como o primeiro setor a se apresentar na avenida, sendo responsável por criar a primeira impressão do enredo. Segundo Cynthia Arantes Ferreira(2007), esse quesito tem um valor especial na avaliação do desfile, pois marca o impacto inicial da escola na passarela.

Por fim, o artigo busca valorizar a contribuição das escolas de samba de periferia, reconhecendo-as como participantes essenciais na cultura carnavalesca local. A documentação do processo criativo visa dar visibilidade à trajetória dos coreógrafos e à importância de manter viva a tradição e as raízes comunitárias no samba.

Referências bibliográficas

- FARIA, Augusto. Entrevista semi estruturada para obtenção de informações. Entrevista concedida a Lilian Cristina de Almeida Silva, 10 dez. 2024.
- LUDERER, Cynthia Arantes Ferreira. O processo de comunicação na criação do Carnavalesco Raul Diniz. 2007. 227 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.
- CORRÊA, Elizeu de Miranda. As múltiplas faces da comissão de frente no contexto da ópera de rua (1928-1999). 2011. 281 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12674>>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- CORRÊA, Eliseu de Miranda. O Eterno Retorno: Às Comissões de Frente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro no Descompasso da Modernidade (2000-2018). Revista eletrônica de história social da cidade, v. 2, n. 23, 2019.
- CORRÊA, Elizeu de Miranda. Os guardiões da folia: ordem e segregação nas comissões de frente das escolas de samba do Rio de Janeiro. Revista eletrônica de história social da cidade, v. 2, n. 23, 2019.
- OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.
- SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. Escrevivências: uma ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Associação Brasileira de Psicologia, v. 17, n. 39, p. 203-219, mai.-ago. 2017.
- EMBOABAS, Rádio. Carnaval 2023 São João del-Rei MG. YouTube, transmitido ao vivo em 19 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i5mUkl9N2hU&t=17904s>>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- EMBOABAS, Rádio. Carnaval 2024 São João del-Rei MG. YouTube, transmitido ao vivo em 11 fev. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dpo8ai80TWc&t=15761s>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

"

DIA 03 DE JULHO DE 2025 (QUINTA-FEIRA)

SESSÃO DE ARTIGOS 05

Território, Espaço e Narrativas

Das 10:30 às 12:00

DO TERRITÓRIO AO PROJETO: ARQUITETURA COMO ATO POLÍTICO E POÉTICO DE RESISTÊNCIA

RIBEIRO, Suzana Helena Ceranto; MARTINS, Mateus de Carvalho e MARTINS, Sérgio Gualberto
UFSJ

suzanaceranto@gmail.com; mateusmartins@ufsj.edu.br; sergiogualberto@ufsj.edu.br

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade
Palavras-chave: Bioconstrução; Decolonialidade; INRG; Materiais Ecológicos; Interdisciplinar.

Este artigo apresenta uma reflexão sobre os processos criativos de base decolonial aplicados ao desenvolvimento do projeto arquitetônico do Pavilhão Cultural do Instituto Ruth Guimarães (INRG), localizado em Cachoeira Paulista/SP. O estudo parte da compreensão de que a sustentabilidade, quando pensada a partir dos territórios e das práticas culturais populares, transcende a dimensão ambiental e incorpora saberes, afetos, memórias e formas comunitárias de organização e resistência. Inserido no contexto urbano, o INRG se consolida como um espaço de salvaguarda, difusão e reinvenção das culturas populares, sobretudo das matrizes caipira, afro-brasileira e indígena, tendo como fundamento a valorização da oralidade, dos saberes ancestrais e dos modos de habitar em consonância com a natureza. O desenvolvimento do projeto do pavilhão surge como resposta a demandas concretas da comunidade local, alinhando-se a princípios da bioconstrução, da permacultura e da arquitetura vernacular, integrando soluções de baixo impacto ambiental com práticas sociais colaborativas. A proposta busca não apenas qualificar o espaço físico, mas também fortalecer os vínculos comunitários, as práticas educativas, as expressões artísticas e a preservação do patrimônio imaterial. Nesse sentido, a concepção arquitetônica assume um caráter político e pedagógico, funcionando como tecnologia social a serviço da sustentabilidade cultural e da autonomia dos territórios. A análise é atravessada por uma crítica aos modelos hegemônicos de desenvolvimento e urbanização, que, historicamente, reproduzem lógicas extrativistas, eurocêntricas e coloniais, invisibilizando as epistemologias dos povos tradicionais. Com base no pensamento decolonial e nas epistemologias do Sul, o trabalho evidencia a urgência de repensar os modos de construir e de estar no mundo, incorporando práticas regenerativas que articulem arte, arquitetura, cultura e ecologia. O processo colaborativo de escuta, troca e cocriação entre pesquisadores, arquitetos, mestres de saberes e a comunidade do Instituto torna-se, assim, central tanto no percurso metodológico quanto na potência transformadora do projeto. Ao dialogar diretamente com o tema do II SIPAUS — “Arte e Sustentabilidade na Cultura Popular da Cidade” — e com os princípios do GT2 — “Processo de Difusão: Popularização, Educação e Aplicabilidade” —, este trabalho reafirma que a valorização das culturas populares urbanas é uma estratégia fundamental para a construção de

idades mais justas, plurais e sustentáveis, onde a arquitetura, longe de ser apenas técnica ou estética, se torna ferramenta de resistência, de cuidado e de reinvenção dos territórios.

ANASTÁCIA: PROTAGONISMO NEGRO E AUTORREPRESENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS VISUALIDADES

RAMOS, Elizabeth; MAUS, Laercio Carlos Ribeiro dos Santos

*Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e
Sustentabilidade - PIPAUS/ UFSJ*
projetosdaeliz@gmail.com

Linhas: Processos criativos
Palavras-chave: Protagonismo Negro; Visualidades; Autorrepresentação;
Produção Audiovisual.

A mídia desempenha um papel fundamental na moldagem da autoimagem e no entendimento do nosso espaço no mundo, particularmente evidente quando se trata do consumo e propagação de conteúdos hegemônicos frequentemente racistas. Dentre as mídias, o cinema ostenta uma capacidade plural de representação, seja para reforçar estereótipos negativos e narrativas do imaginário do colonizador, como o de atuar enquanto ferramenta política, que devolve ao sujeito o poder de narrar sua realidade, tornando-se assim o autor de sua própria história. Este artigo concentra-se na análise da obra e do legado da artista visual Joice Anastácia, documentados no curta-metragem "Anastácia", examinando os impactos e as potencialidades da produção cinematográfica realizada por pessoas cujas experiências e intersecções entre os marcadores sociais de raça e gênero se conectam com a vida da protagonista. Examinando como as manifestações artísticas e criativas, com foco no protagonismo negro, dentro, fora e por detrás das telas, têm a potencialidade de subverter as visualidades predominantes na infeliz dinâmica colonial de representação da negritude, onde o sujeito negro e suas subjetividades são negligenciados em prol das fantasias e interesses coloniais, e claro, de sua perpetuação.

CORPOS, TERRITÓRIOS E NARRATIVAS DE MULHERES: CINEMAS, RURALIDADES E RESISTÊNCIAS AO PATRIARCADO

SILVA, Daniela de Oliveira e PONTES, Carlos Frederico Bustamante

UFSJ / UFSJ

dannioliveiras5@gmail.com; fredericobustamante@ufs.br

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas
Palavras-chave: Protagonismo de mulheres; Práticas agrícolas; Cinema LGBTQIAPN+; Patriarcado.

Este estudo propõe a discussão sobre o protagonismo das mulheres em ambientes rurais e urbanos, articulando-o através da presença de uma prática artística que é produzida na urbe e, também, de práticas agrícolas que se dão no meio rural. Pretendeu-se com isso contrapor lógicas produtivistas, de hegemonia patriarcal e capitalista que moldam os corpos dos diferentes sujeitos e, também, dos ambientes nos quais estes se inserem. Em contextos rurais como o da cidade de Madre de Deus de Minas, a presença das mulheres na produção agrícola evidencia formas de organização e práticas sustentáveis que não seguem os padrões tradicionais de culturas dominantes. A partir de experiências cotidianas, vínculos com o território e saberes transmitidos entre gerações, essas mulheres constroem alternativas produtivas que dialogam com a agroecologia, o cuidado com a terra e a coletividade. Apesar da pouca visibilidade em políticas públicas e espaços formais de decisão, suas práticas representam estratégias de resistência, afirmação identitária e contribuição efetiva para a sustentabilidade local frente aos danosos saberes androcêntricos. Também é através do protagonismo das mulheres no cinema que se observou a perspectiva crítica à hegemonia do olhar masculino na cultura cinematográfica mainstream e, em particular, na obra fílmica concebida no meio urbano das grandes cidades. Através da análise de alguns aspectos do longa-metragem *Meninos não choram* (Kimberly Peirce, 1999), identificou-se tal diferenciação de olhar na concepção do filme em questão. Acredita-se que a união entre saberes tradicionais, ginocêntricos, artísticos e acadêmicos potencializa a criação de soluções frente às inúmeras crises e desafios nos âmbitos socioambientais. É a partir de duas experiências distintas, mas conectadas, desse protagonismo das mulheres na arte urbana e na vida rural que o estudo foi realizado. O resultado é uma pesquisa que une duas áreas do conhecimento humano, que revelam a resistência das mulheres diante das diferentes dinâmicas patriarcais que ainda insistem em querer reger a vida no campo e na cidade.

O CAMPO ESCOLAR E O CAPITAL SIMBÓLICO: PRAXIOLOGIA DA EDUCAÇÃO EM BICHINHO/MG

ABREU, Gabriela Conceição Castro; TARGA, Leandro Garcez e BARBOSA, Vera Lúcia Ermida
UFSJ

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade

O presente texto se configura numa parte da pesquisa de mestrado, ainda em curso, realizada no PIPAUS/UFSJ, intitulada "Políticas Públicas de Educação: análise Sociogenética da Escola Municipal Getúlio Silva em Bichinho/Prados-MG". O estudo, articulando empiricamente os conceitos da teoria dos campos de Pierre Bourdieu com a realidade da educação em Bichinho, busca evidências de que o campo educacional não se limita às práticas escolares formais, mas é atravessado por estruturas simbólicas mais amplas, como as heranças culturais e os valores comunitários. Adota a teoria dos campos de Pierre Bourdieu como referencial teórico central para a análise da educação no vilarejo de Bichinho a partir de uma perspectiva praxiológica. A Escola Municipal Getúlio Silva, fundada em 14 de outubro de 1914, a mais antiga do município, está localizada na Praça Nossa Senhora da Penha, onde, também, está a Igreja dedicada ao mesmo orago, construída a partir de 1729. Vista como campo social (BOURDIEU, 2011), a escola, é um espaço onde se articulam saberes, funcionando como um jogo com regras e estratégias próprias. As políticas públicas não são apenas aplicadas, mas reinterpretadas e adaptadas pelos agentes locais. O Projeto Político Pedagógico da escola, enquanto produto das políticas públicas, emerge como um instrumento essencial para a compreensão das dinâmicas locais de poder, dos sentidos atribuídos à educação e das práticas escolares que se manifestam nesse contexto específico, o que justifica sua escolha como objeto de análise do estudo. A compreensão da história colonial local é relevante para as análises que serão realizadas. Minas Gerais é cenário de arte desde tempos remotos, especificamente nos séculos XVIII e XIX, quando artesãos se juntaram aos inúmeros imigrantes portugueses que chegaram na região atraídos pelo resplendor do ouro. (BARBOSA, 2018). O vilarejo com cerca de 1.300 habitantes passou a integrar o roteiro turístico nacional e internacional devido as tradições populares, religiosidade, práticas comunitárias e expressões artesanais. O turismo trouxe as dinâmicas do neoliberalismo, que se expressam de maneira sutil e progressiva com o crescimento acelerado do vilarejo. O Bichinho está situado a 12 km de Prados, município a que pertence desde 1938 (Fundação João Pinheiros – FJP, 1980). O estudo adota a metodologia qualitativa, com observação participante e análise documental. As conclusões preliminares sugerem que O PPP da Escola, não apenas reflete, mas também perpetua a lógica estatal de homogeneização das subjetividades.

UM OLHAR SOBRE O CAMPO CEGO

MONTE-MÓR, Luciana Campos de Pinho
UFSJ – PIPAUS
lummor@hotmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas
Palavras-chave: Lefebvre, Renascimento, Perspectiva, Olhar, Campo Cego

Este artigo traz para o olhar atual os questionamentos de Henri Lefebvre apontados no capítulo II intitulado O Campo Cego do livro A Revolução Urbana. O enfoque do mesmo propõe a discussão de questionamentos sobre a Natureza, sua ausência e presença no espaço urbano. Para entender o Campo Cego apontado por Lefebvre a discussão perpassa por uma construção do olhar de nossa civilização, trazendo conceitos do renascimento, de sua racionalidade e a introdução da técnica da perspectiva como uma nova forma de ver o mundo. Em paralelo, faz considerações sobre esta forma de ver direcionada e racionalizada e a ausência da natureza no meio urbano, de como este novo olhar direciona para campos cegos e pontos de fugas de nossa atual civilização.

REFLEXÃO SOBRE O MÉTODO IN(TER)DISCIPLINAR

GONÇALVES, Mucio Tosta

UFSJ

mucio@ufs.j.edu.br

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade

A presente proposta é baseada nas discussões realizadas em torno de tema apresentado por Gonçalves e Hirata (2025) no IX Encuentro Latinoamericano de Metodologia das Ciencias Sociales (ELMeCS). Na apresentação feita, o debate versou sobre o lugar do método na produção de conhecimento interdisciplinar, tomando como referência a proposta de ensino da disciplina “Tópicos Variados Iniciais - Crítica dos Métodos”, ofertada no primeiro semestre de 2024 para uma turma do Programa Interdepartamental de Pós Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade – Pipaus, da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). No resumo ora apresentado ao II Sipaús, pretende-se aprofundar certos aspectos do trabalho anterior, apresentando reflexões sobre o ensino de método para a pós-graduação *stricto sensu*. Ainda considerando como elemento material o Plano de Ensino da disciplina anteriormente mencionada, a interpretação a ser oferecida aqui estará centrada nas expectativas do docente em relação ao que foi transmitido (isto é, o que se pretendia fazer e o que se esperava “obter”), bem como na repercussão percebida por ele do ponto de vista da formação do e das estudantes que realizaram a disciplina (isto é, o que foi percebido pelo docente a partir das interações dentro da sala de aula). A disciplina foi pensada e planejada para promover a discussão sobre as possibilidades e as formas de organização da pesquisa e da produção de conhecimento interdisciplinar. Os objetivos da disciplina, formalmente, foram discutir ideias e práticas da ciência e do método, buscando identificar limites da aplicação de ambos na investigação e na intervenção social. Sabia-se da possibilidade das argumentações em torno de método, investigação e intervenção versarem sobre quais são as fronteiras existente entre estas práticas sociais e outras formas de saber. Esperava-se, assim, desafiar a ideia de que a ciência - em sua formulação “normal” ou positivista - é a única solução para os complexos problemas da modernidade capitalista. Essa postura, não obstante, não significa o mesmo que afirmar que a ciência, como forma de saber e de poder, não tenha valor. Foi, portanto, no mínimo curioso observar certa atitude contrária à prática científica, fundada na ideia que somente as formas não científicas acadêmicas de produzir saberes são produtoras de verdades. Tal postura, ademais, é encontrada em certas críticas de orientação “pós moderna” e em certas perspectivas de senso comum (mormente veiculadas sob a forma de ativismos políticos). Tal posicionamento é ontológica e epistemologicamente preocupante, quando julga a ciência apenas pela posição de dominação que ela pode contribuir para gerar – pretensão sustentada por acadêmicos/as e/ou cientistas adeptos/as da lógica do capital. Tal recusa esquece que a atividade

reflexiva científica pode ser feita por sujeitos formuladores de perguntas e de respostas, as quais serão tão mais criativas e transformadoras quanto mais eles dialogarem com os sujeitos sociais subordinados – isto é, quando mais escutarem, dizerem, acompanharem e propuserem conjuntamente alternativas ao vivido e ao desejado. Ou seja, se é possível dizer que existe uma “monocultura do conhecimento científico” (SANTOS, 2006), deve-se também dizer que existem resistências no interior deste território, que não o reconhecem e o enfrentam, cotidianamente. Neste sentido, pretende-se refletir sobre porque produzir investigações interdisciplinares requer método(s) – uma vez que o conhecimento interdisciplinar deve ser pensado, ele mesmo, como tal (tais).

**SESSÃO PARA
APRESENTAÇÃO DOS
GRUPOS DE PESQUISA**

Das 13:30 às 15:30

PROGRAMA CAMINHOS SUSTENTÁVEIS: AÇÕES DE EXTENSÃO A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA, BIOCONSTRUÇÃO E ARTES.

MARTINS, Mateus de Carvalho; SOUZA, Daniel Boechat Damaceno; MAIA, Gabriel Silveira e
CAPUTO, Jonas Françoso
UFSJ – DAUAUP – PIPAUS
mateusmartins@ufsj.edu.br; danielboechatds@gmail.com; gabrielsilveiramaia13@gmail.com;
jonascaputo95@gmail.com

Linha: Grupos de estudo, pesquisa, extensão e arte
Palavras-chave: Sustentabilidade; Permacultura; Bioconstruo; Programa Caminhos Sustentáveis.

Em meio aos debates sobre sustentabilidade, o agravamento das condições atualmente enfrentadas se expressa em tamanhas calamidades que exige a substituio do termo “aquecimento global”, tornando corriqueiro o uso de “ebulio global” e “emergência climática”, enquanto se aumenta a frequência de eventos como grandes enchentes, incêndios florestais e ondas de calor e frio. Mesmo com a crescente dessa questão, as cidades brasileiras continuam reproduzindo a lógica de planejamento urbano e gestão centralizada e antidemocrática, acentuadora dos problemas socioambientais, que tmbm se realizam na produo do espaço. Exemplo dessa temática  o município de São João del-Rei, ausente por anos em medidas obrigatórias como a adoo da política nacional de resíduos sólidos. Tendo como ponto de partida a situao apresentada e o recorte espacial da cidade de São João del-Rei, este artigo busca apresentar a atuao do Programa Caminhos Sustentáveis, trabalho extensionista por meio do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas (DAUAP), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), que busca promover uma relao dialógica entre Universidade e Comunidade, pelo planejamento e execuo de atividades que contemplam as áreas da Permacultura, Bioconstruo, Arquitetura e Urbanismo, Artes, entre outras, entendendo o coletivo como protagonista nessa construo. Partindo dos estudos acadêmicos das abordagens construtivas ancestrais que propõe uma relao harmoniosa com a natureza e seus recursos, um contraponto ao atual panorama da construo civil, a disseminao pelo Programa Caminhos Sustentáveis representa um importante resgate de conhecimentos relevantes para o futuro das cidades. Na análise dessas experiências, escolheu-se o aprofundamento no debate do papel da Universidade, que, através desse tipo de abordagem, constitui-se como importante agente na produo do urbano, alinhado  luta por uma cidade sustentável, unindo, para isso, teoria, técnica e prática. Para a realizao das ações, foram revisadas bibliografias de produções anteriores do Programa, dessa forma, compreendendo as diferentes ações pela cidade, bem como textos que subsidiam as discussões urbanas agregadas  análise da conjuntura geral estruturada. Além disso, o artigo apresenta as novas propostas, trazidas recentemente pelo Programa.

PERMACULTURA, BIOCONSTRUÇÃO, PATRIMÔNIO E ARTES: AS AÇÕES DO PROGRAMA SABERES DA TERRA.

MARTINS, Mateus de Carvalho; SILVA, Giovanna Cristina da; CASTRO, Thalita Barcelos de;
PAULA, Nathália Tonussi de e SILVA JUNIOR, Sinval José da
UFSJ/DAUAP/PIPAUS: Docente; UFSJ: Discente de Graduação; UFSJ: Discente de Graduação;
UFSJ: Discente de Graduação; UFSJ/DAUAP: Técnico Administrativo/Discente de Pós-Graduação
mateusmartins@ufs.br; gigicrst@gmail.com; barcelosthalita1@gmail.com;
tonussinathalia@aluno.ufsj.edu.br; sinval.junior.br@gmail.com

Linha: Grupos de estudo, pesquisa, extensão e arte
Palavras-chave: Terra, Técnicas Tradicionais, Bioconstrução, Permacultura, Educação Patrimonial, Sustentabilidade, Preservação

A terra é utilizada como material de construção há mais de 9 mil anos e teve papel fundamental em diversas civilizações antigas, como nas edificações da Grande Muralha da China e das Pirâmides de Teotihuacán. No Brasil, o uso da terra na construção remonta aos povos indígenas, sendo posteriormente adaptado e ampliado pelos colonizadores portugueses e pelos africanos por meio de técnicas como pau a pique, adobe, taipa de pilão e uso de tintas de terra. Em Minas Gerais, essas práticas são especialmente visíveis em residências e igrejas históricas.

Com o objetivo de preservar e difundir esses conhecimentos, o Programa Saberes da Terra foi criado em 2010, por meio do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas (DAUAP), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Inspirado nos princípios da Permacultura, da Bioconstrução e do Patrimônio Cultural, o programa promove oficinas teóricas e práticas que valorizam a educação patrimonial e buscam integrar saberes tradicionais às necessidades atuais. Atuando em escolas, museus e comunidades, o programa forma agentes multiplicadores e fortalece a preservação das práticas construtivas locais, contribuindo para a valorização cultural e a melhoria da qualidade de vida.

PROGRAMA CAMINHOS SUSTENTÁVEIS E BAMBRINQUE: ESTUDO E PRODUÇÃO DE BRINQUEDOS DE BAMBU.

MARTINS, Mateus de Carvalho e DAVIN, Paulo César Alfredo
UFSJ/DAUAP/PIPAUS: Docente; UFSJ: Discente
mateusmartins@ufs.edu.br; pauloalfredodavin@gmail.com

Linha: Grupos de estudo, pesquisa, extensão e arte
Palavras-chave: Técnicas Alternativas, Bioconstrução, Permacultura, Bambrinque, Bambu, Sustentabilidade

Este artigo trata da pesquisa e do desenvolvimento de brinquedos sustentáveis, com foco no uso do bambu como principal matéria-prima. A investigação destaca a importância de adotar práticas sustentáveis na fabricação de brinquedos, frente aos impactos ambientais causados por materiais convencionais, como plásticos e madeiras sem certificação. O bambu é apresentado como uma alternativa ecológica promissora, devido à sua rápida renovação, capacidade de absorver carbono e característica biodegradável. O estudo examina tanto os aspectos mecânicos quanto estéticos do bambu, considerando sua viabilidade na produção de brinquedos seguros, duráveis e visualmente atraentes para o público infantil.

Também são analisadas as técnicas de tratamento e processamento do material, como secagem, corte e acabamento, essenciais para garantir a qualidade e a segurança dos produtos finais. O artigo ainda ressalta a necessidade de integrar princípios sustentáveis ao design e à produção de brinquedos, propondo um modelo de negócio que valorize práticas ecológicas e o comércio justo.

A pesquisa destaca a urgência de conscientizar fabricantes e consumidores sobre as vantagens do uso de materiais sustentáveis, promovendo uma cultura de responsabilidade ambiental desde a infância. Por fim, recomenda-se a criação de políticas públicas que incentivem a adoção de matérias-primas sustentáveis na indústria de brinquedos e o fortalecimento de parcerias entre governo, setor produtivo e instituições de pesquisa, visando ao desenvolvimento de tecnologias mais limpas. O bambu é, assim, apontado como um recurso estratégico na transição para uma economia circular, alinhada aos princípios da sustentabilidade e da responsabilidade socioambiental.

SESSÃO DE ARTIGOS 06

Tecnologia, Inovação e Produção Cultural

Das 18:00 às 19:30

GARIMPO URBANO: MATERIAIS ENCONTRADOS COMO MATÉRIA-PRIMA DE VIDRADOS CERÂMICOS DE ALTA TEMPERATURA

CAMPOS, Aline Figueiredo e CHAGAS, Luciana Beatriz
Universidade Federal de São João del-Rei
neca.fgdo@aluno.ufsj.edu.br

Linha: Grupos de estudo, pesquisa, extensão e arte

Este trabalho investiga a viabilidade de reutilizar resíduos da construção civil na formulação de esmaltes cerâmicos de alta temperatura. Materiais como tijolo, vidro, granito e concreto foram coletados, processados e testados em queima a 1240 °C. Realizaram-se 440 testes lineares e 36 em diagrama, explorando o potencial técnico e estético dos resíduos na criação de esmaltes para cerâmica artística e artesanal.

MINECRAFT: DE JOGO INDEPENDENTE A UMA PODEROSA FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

D'ABREU E COSTA, Bernardo Martins Corrêa; SCHIAVONI, Flávio Luiz

UFSJ

bemcdc@gmail.com; fls.@ufs.ju.edu.br

Linha: Processos criativos

A sociedade atual trabalha a urbanidade de forma diferente de outros momentos e, atualmente, é impossível pensar nas nossas cidades sem entender os efeitos que a tecnologia trouxe para nossa contemporaneidade. Redes sociais, plataformas de serviços, aplicativos de celular são questões constantes em nossa sociedade e têm influenciado profundamente a forma como criamos e compartilhamos informações e conhecimento.

Entre as diversas possibilidades que o universo virtual apresenta, os jogos digitais se destacam como parte importante da nossa sociedade. Entre estas plataformas, Minecraft é um jogo desenvolvido pela Mojang Studios em 2011, posteriormente adquirido pela Microsoft em 2014, e que possui mais de 300 milhões de jogadores no mundo. No entanto, este jogo rompeu com sua barreira lúdica inicial e se tornou uma ferramenta importante em diversos debates pertinentes à nossa sociedade. Neste trabalho, apresentaremos algumas formas criativas de utilização dessa plataforma de jogo, que envolvem questões artísticas, urbanas e de sustentabilidade.

DESCOMPLICANDO A PRODUÇÃO MUSICAL: DAWs LIVRES COMO FERRAMENTAS DE APRENDIZADO E CRIAÇÃO PARA ARTISTAS INDEPENDENTES

SOUSA, Júlio César de Sousa e SCHIAVONI, Flávio Luiz
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)
sousacj1@gmail.com; fls@ufs.br

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade

A democratização do acesso à tecnologia tem tornado a produção musical independente cada vez mais viável. No entanto, os primeiros passos nesse percurso costumam ser marcados por dificuldades, especialmente pela complexidade dos processos que envolvem desde a idealização até a distribuição de uma obra. DAWs (Digital Audio Workstations) proprietárias, como FL Studio e Ableton Live, embora amplamente utilizadas, impõem barreiras financeiras por exigirem licenças pagas. Em contrapartida, softwares e DAWs livres, como o LMMS (Linux MultiMedia Studio), apresentam grande potencial de apoio ao artista independente. Seus formatos abertos permitem a compreensão, adaptação e automação de etapas iniciais da criação musical, integrando lógica de programação e teoria musical. Este trabalho tem como objetivo analisar os arquivos gerados por essas ferramentas livres e propor soluções práticas que auxiliem no aprendizado e na produção musical, sobretudo no contexto de artistas independentes e da cena underground. A manipulação de projetos por meio de scripts ou interfaces web pode facilitar a criação baseada em referências sonoras, gêneros e BPM, promovendo um processo criativo mais ágil, acessível e inspirador.

Neste cenário, este projeto apresenta uma iniciativa para decupar projetos musicais feitos em ferramentas livres de forma a permitir a) formas de aprendizado a partir destes projetos, b) formas de combinar elementos de projetos para criar novas trilhas, c) formas de pesquisar e aprender com explorar as questões musicais inerentes aos projetos musicais.

Como resultado, o projeto apresenta uma plataforma integrada onde processos criativos se misturam com processos de difusão da arte digital simplificando a entrada de novatos no domínio destas ferramentas e também o compartilhamento de processos de criação para produtores e músicos experientes.

ECO: CACOS DO SOM

LIMA, Aretha Brito de; SCHIAVONI, Flávio Luiz e ANDRADE, Eduardo dos Santos
Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal de São João del-Rei
arettha111@gmail.com; fls@ufs.br; ednaotem@gmail.com

Linha: Processos criativos

ECO: Cacos do Som é um trabalho que percorre a cidade de Belo Horizonte com os ouvidos atentos, coletando sons como quem junta fragmentos de memória espalhados pelo espaço urbano. Esses cacos sonoros formam uma biblioteca sonora online, que alimenta os sons da instalação interativa criada a partir deles. Uma estrutura — feita de metalon, tecido, caixas de som, Raspberry Pi Pico, sensores de proximidade e o ambiente sonoro construído no Pure Data — reage à aproximação do público, disparando ecos da cidade em composições imprevisíveis. A obra convida à escuta atenta e propõe um reencontro com os sons que habitam o cotidiano, muitas vezes invisíveis. Entre o ruído e o silêncio, entre o gesto e o som, emerge um espaço de sensibilidade, onde cidade, corpo e tecnologia se atravessam, refletindo sobre a performatividade do som e sua capacidade de instaurar presença, de criar memórias e de reorganizar narrativas através de fragmentos.

ESPACIALIDADE ECOPOÉTICA CATIVA: CONSTRUÇÃO DE ESPACIALIDADE ECOPOÉTICA EM PROL DA ECOLOGIZAÇÃO RIZOMÁTICA DO PENSAMENTO

SILVA, João Pedro Zuccolotto Rodrigues da

Programa Interdepartamental de Pós Graduação em Arte, Urbanidade e Sustentabilidade -
PIPAUS - UFSJ
artezucco@gmail.com

Linha: Processos criativos

O Projeto CATIVA pretende projetar uma espacialidade eco-poética a partir de técnicas bioconstrutivas com bambu em padrão geodésico, dando artisticamente o formato zoomorfo de um pássaro a ser instalada no Campus Tancredo Neves (CTAN) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) em Minas Gerais. O primeiro momento do projeto endossa os motes do artista-pesquisador que, utilizando-se da autoetnografia cartográfica como método, busca ancorar-se no tema do enclausuramento como guarda-chuva para questionar criticamente o sistema patriarcal hegemônico, as formas de produção de bens e serviços insustentáveis, a verticalização dos espaços em contraponto às ideias inovadoras do Biodesign. Para isso, foi gerado um levantamento bibliográfico que aborda o entrelaçamento interdisciplinar dos conceitos acerca da Origem da Vida; da Geometria Sagrada; da Biomimética; do Design “fora da lei” criado por Richard Buckminster Fuller, bem como seus fundamentos, cosmovisão, filosofia e a contribuição de suas invenções para a humanidade. O segundo momento, o desdobramento, diz respeito a práxis – bioconstrução e montagem da CATIVA. Durante esse processo, objetiva-se difundir conhecimentos e técnicas ancestrais a partir da matéria orgânica biodegradável: bambu. Pretende-se também estimular interações e intervenções site specific, artísticas, colaborativas e ecologizadoras na tentativa de aproximar e reconectar os seres humanos aos meios naturais.

CONHECIMENTO E SABERES: DIVULGANDO CIÊNCIA POR MEIO DO AUDIOVISUAL

CAMPOS, Fernanda Torres; ALVES, Gabriella Brás Monteiro e GONÇALVES, Mucio Tosta
Universidade Federal de São João del-Rei
mucio@ufsj.edu.br

Linha: Recepção, crítica e experiência - narrativas contemporâneas

A divulgação científica pode ser definida, de maneira simples e direta, como um processo comunicacional destinado a popularizar o conhecimento científico para um público de não especialistas, ou não letrado na produção científica. Essa definição, porém, deixa algumas dúvidas (às quais deveria responder): o que é o conhecimento científico? Por que ele deve ser comunicado? Quais são os formatos pelos quais essa comunicação se veicula? Os não especialistas necessitam da informação do conhecimento científico porque e para que? Não é pretensão do presente trabalho responder a todas estas questões. Interessa, na verdade, dialogar sobre a última pergunta. Para tanto, consideramos que o conhecimento científico é um dos tipos sociais de saber – não o único e nem, necessariamente, o verdadeiro. Para comunicar esse tipo de conhecimento, temos que pensar nas trocas que especialistas (os cientistas) promovem com os não especialistas (o público, identificado como leigo). Se a ciência é uma “organização social historicamente situada”, por meio da qual são produzidos e estruturados saberes, criando representações úteis ao domínio material do mundo, então comunicar a ciência é transmitir, também, a intervenção humana neste mundo como um conjunto de “instrumentos intelectuais historicamente situados” (FOUREZ, 1995). Como informar ou divulgar os resultados desta organização e de seus instrumentos, de forma a propiciar que as pessoas vivam bem? Responder a esta pergunta exige esforços que vão além da presente proposta, mas apostamos que a divulgação e difusão de conhecimentos científicos deve usar meios que reconheçam que a ciência tal como a conhecemos (racionalista), não deveria “reinar” como única forma universal de explicação sobre o mundo – o que significa que a “não razão” (FEYERABEND, 1977) deve ser incluída nos esforços de produção e divulgação do conhecimento. Pode-se pensar, então, a partir destas considerações, que um dos problemas comunicacionais da divulgação científica é, ainda, o meio utilizado para que ela seja eficaz. O meio comunicacional deve, em princípio, ser capaz de apresentar conteúdos (mensagens) de forma inteligível, considerados os meios utilizados. Tanto conteúdos como meios devem ser, assim, acessíveis, instigando a vontade de saber aquilo que a ciência transmite. Isso, porém, não pode eliminar outros saberes – não se trata, pois, de disputa. Divulgar ciência não é matar outros saberes. Um dos meios que pode contribuir para uma difusão democrática do conhecimento científico é o documentário. Este último, como produção artística e não ficcional, pode permitir que se explore dimensões da realizada que estão além dos cânones racionalistas. Por meio dos documentários, é possível mostrar, ilustrar

ou demonstrar outros movimentos da ordem social, política e econômica contrários às interpretações dominantes, contribuindo para a formação de uma inteligência coletiva. Nesse sentido, seguimos Eisenstein (1929), para quem “é tarefa da arte tornar manifestas as contradições do Ser; formando visões objetivas ao suscitar contradições na mente do espectador, forjando conceitos intelectuais precisos a partir do choque dinâmico de paixões opostas”. As pessoas possuímos crenças, linguagens, saberes (uma filosofia espontânea, no sentido dado por Gramsci), os quais mudam historicamente, ainda assim oferecendo uma forma de produção comum de sentido. Pode ser função da divulgação científica, aproximar este tipo de filosofia daquilo que o pensamento científico pode ter de mais valioso para as pessoas: o bem viver, coletivamente. A divulgação científica pode fazê-lo não só democratizando o acesso a informações, como contribuindo para que o diálogo entre saberes científico e não-científico sejam possíveis, acumulando aprendizados e contribuindo para a produção de formas populares mais justas de organização da vida social. Assim, popularizar a informação científica é essencial para que possamos eliminar interpretações ambíguas e errôneas sobre o real, provenientes do distanciamento entre a ciência e a sociedade. Os tipos de informação que podem contribuir para isso devem ser apresentados e divulgados de forma clara e por meio de linguagens que contribuam para a construção de uma sociedade consciente. Passos importantes nesse sentido já foram dados, com o advento de uma cultura de massa televisiva (e televisionada), a qual incorpora na sua “programação” conteúdos científicos, disponibilizados para atingir, em tese, todo mundo (BOURDIEU, 1997). Porém, mais deve ser realizado, sobretudo com a incorporação do saber comum, popular, não científico, como elemento de discussão da ciência e, muito especialmente, do método científico. Como sugerido por Carl Sagan, o conhecimento científico deve sempre ser compartilhado socialmente, visando a construção de uma inteligência coletiva. Não é o acúmulo de conhecimento que garante a inteligência e nem é a estocagem de informações em grandes bancos de dados que assegura a excelência científica. A inteligência reside nas formas pelas quais dados e informações que constituem o conhecimento científico são coletados, interpretados e aplicados. O presente trabalho pretende contribuir com esse debate colocando em cena a divulgação científica como co-produtora de saberes.

DIA 04 DE JULHO DE 2025 (SEXTA-FEIRA)

SESSÃO DE ARTIGOS 07

Diversidade, Inclusão e Comunicação

Das 08:30 às 10:00

A HETEROIDENTIFICAÇÃO COMO MEIO PARA GARANTIR A EFETIVIDADE DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS: REFLEXÕES PARA A POLÍTICA INSTITUCIONAL DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO DA UFSJ

BOMFIM, Filomena Maria Avelina; PORTO, Maria Eduarda Malvar; SILVA, Lilian Cristina de Almeida e SILVA, Marcelo José
Universidade Federal de São João del-Rei, PIPAUS
fmabomfim@ufsj.edu.br; mmalvar@aluno.ufsj.edu.br; liliancalmeidas@aluno.ufsj.edu.br; silmarcelo@aluno.ufsj.edu.br

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas
Palavras-chave: políticas afirmativas; cotas étnico-raciais; heteroidentificação; permanência; inclusão

O processo de heteroidentificação surge no contexto das ações afirmativas brasileiras como ferramenta fundamental para garantir a efetividade da Lei Federal de cotas (Lei nº 12.711/2012). A partir da adoção dessas cotas em universidades e concursos públicos, percebeu-se a necessidade de criar mecanismos mais rigorosos para evitar fraudes no processo de autodeclaração racial, garantindo que os benefícios realmente alcançassem as populações historicamente discriminadas, como negros, pardos e indígenas.

A heteroidentificação, portanto, se apresenta como dispositivo relevante para corrigir distorções no acesso a direitos, enfrentando questões complexas de identidade racial em uma sociedade profundamente marcada pelo racismo estrutural. Esse procedimento se refere à leitura do indivíduo a partir de terceiros, com base em critérios fenotípicos. Isso quer dizer que, a implementação da heteroidentificação inviabiliza o acesso às vagas destinadas para cotas étnico-raciais apenas com base na autodeclaração (SALES, 2022).

Em 2019 a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) constituiu a comissão de heteroidentificação, formada a partir de denúncias quanto às irregularidades nos processos de seleção baseados nas autodeclarações. Dessa forma, passou a atender à Portaria Normativa nº 04/2018, da Secretaria de Gestão de Pessoas (SIGEPE) do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

Entendemos que esta comissão tem objetivos bem definidos, que limitam sua atuação à distinção de pessoas aptas, ou não, a serem contemplados com as cotas étnico-raciais durante os processos seletivos, o que ela já tem cumprido. Entretanto, a sua existência não é suficiente para garantir a sustentabilidade das políticas públicas de ações afirmativas, tendo em vista a trajetória e a permanência dos cotistas, quer sejam eles discentes, docentes ou servidores não docentes.

Deste modo, em nosso ponto de vista, há a necessidade da criação de uma Política Institucional de Diversidade, Inclusão, Permanência/Pertencimento e Sustentabilidade, a ser implementada e gerida a partir da criação de uma instância

dedicada ao acompanhamento do processo dos cidadãos acolhidos pela Lei Federal de Cotas dentro da UFSJ, quer seja ela uma Pró-Reitoria, um centro ou uma diretoria dentro da estrutura administrativa desta universidade. Para tanto, consideramos necessário compreender o histórico das políticas de ação afirmativa no Brasil e o processo de institucionalização da heteroidentificação como meio de garantir o acesso a estas políticas afirmativas dentro da UFSJ.

Este trabalho foi desenvolvido neste sentido buscando, por meio de revisão bibliográfica e estudos de caso, apresentar uma linha do tempo sobre a evolução da heteroidentificação, analisando desde o surgimento do conceito e sua construção teórica, passando pelos marcos legais e normativos, até a sua aplicação prática por meio das políticas de ações afirmativas.

Este texto também busca abordar a realidade atual dessa prática, refletindo sobre sua permanência e os desafios enfrentados pelos cotistas, além de projetar possíveis cenários futuros, considerando as perspectivas de evolução e aprimoramento do sistema de heteroidentificação na UFSJ.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. Combate à evasão de negros em universidades requer novas políticas. 2023 Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-07/combate-evasao-d-e-negros-em-universidades-requer-novas-politicas>

AMARAL, M. A., & BAIBICH-FARIA, M. *A permanência dos estudantes indígenas na universidade. 2012 BECAK, R.; CIRINO, L. F. Affirmative Actions as an Instrument to Balance Access to Superior Education in Brazil: The Quotas Policy. In: _____. Achieving Equity and Quality in Higher Education. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 219-233. DOI: 10.1007/978-3-319-78316-1_10.

BERNARDINO-COSTA, J.; BLACKMAN, A. E. De C. Affirmative action in Brazil and building an anti-racist university. Race Ethnicity and Education, v. 20, n. 3, p. 372-384, 2016. DOI: 10.1080/13613324.2016.1260228

BRAGA, A. F.. As bancas de heteroidentificação racial: apontamentos a partir da experiência da UFMG. In Revista Ensaios e Pesquisa em Educação e Cultura – 2020.2 / Vol. 5 – n. 9 .101–119. Disponível em <https://periodicos.ufrj.br/index.php/repecult/article/view/529/529>; Acessado em 30/03/2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

_____. Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acessado em 27/04/2025

_____. Lei 12990, de 09 de junho de 2014. Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2014/lei/l12990.htm; Acessado em 27/04/2025.

_____. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 22 jun. 2004.

_____. STF - SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Medida Cautelar em Arguição de

Descumprimento de Preceito Fundamental 186-2 Distrito Federal. Disponível em

<<https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticianoticiastfarquivo/anexo/adpf186.pdf>>; Acessado em 27/04/2025.

_____. Igualdade Étnico-racial e Políticas de Cotas e Compensação:

Jurisprudência do STF e Bibliografia Temática. Brasília, STF, Secretaria de Documentação, 2018. Disponível em:

https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/publicacaoPublicacaoTematica/anexo/Igualdade_Etnico_Racial.pdf Acessado em 27/04/2025.

CÂMARA. Entra em vigor lei que atualiza sistema de cotas no ensino federal. 2023. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/1016535-entra-em-vigor-lei-que-atualiza-sistema-de-cotas-no-ensino-federal/>. Acessado em 27/04/2025.

CNN BRASIL. UnB expulsa 15 alunos acusados de fraudar política de cotas. CNN Brasil, 14 jul 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/unb-expulsa-15-alunos-acusados-de-fraudar-politica-de-cotas/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CORREA, S. Alunos da USP denunciam pelo menos 400 casos de fraude em cotas raciais na

universidade. O Globo, 24 out. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/alunos-da-usp-denunciam-pelo-menos-400-casos-de-fraude-em-cotas-raciais-na-universidade-24040775>. Acesso em: 27 abr. 2025.

DANISA, J. Solidão, falta de acolhimento e discriminação: barreiras para a permanência de indígenas na universidade. Sul 21, 2017. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2017/12/solidao-falta-d-e-acolhimento-e-discriminacao-barreiras-para-permanencia-de-indigenas-na-universidade/>

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores: possibilidades e desafios. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.

Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, N. L.; MARTINS, A. A. (org.). Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HERINGER, R. Affirmative Action Policies in Higher Education in Brazil: Outcomes and Future Challenges. Social Sciences, v. 13, n. 3, p. 132, 2024. DOI: 10.3390/socsci13030132.

INTERCEPT BRASIL. Quase 10 mil negros foram barrados de concursos públicos devido a fraudes na aplicação da Lei de Cotas. Intercept Brasil, 18 mar. 2024. Disponível em:

https://www.intercept.com.br/2024/03/18/quase-10-mil-negros-foram-barrados-de-concursos/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 27 abr. 2025.

KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução de J. de Almeida. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

KOSAK, M. M.; PEREIRA, D. B.; INÁCIO, A. A.. Gaslighting e mansplaining: As formas da violência psicológica. In: Anais do V Simpósio de Gênero e Políticas Públicas. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2018. Pp. 251 - 262. DOI: 10.5433/SGPP.2018v5p251.

Disponível em <https://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1030> Acessado em 27/04/2024.

FAVACHO, M. F. M., TETI, M. M., SANTOS, D. V. A universidade é para indígena e quilombola?: reflexões sobre a atualidade da permanência no ensino superior do Brasil. Revista Educação e Políticas em Debate. 2025 Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/76526>

LEE, J. H. Policy and ideology collide: an examination of Affirmative Action for students of Brazilian public higher education. Race Ethnicity and Education, v. 24, n. 1, p. 39-55, 2020. DOI: 10.1080/13613324.2020.1753673.

LEMPP, S. With the eyes of society? Doing race in affirmative action practices in Brazil. Citizenship Studies, v. 23, n. 7, p. 703-719, 2019. DOI: 10.1080/13621025.2019.1651090.

LOUREIRO, A.; CARVALHO, C.; RODRIGUES, M. de O. Affirmative Action for Black, Indigenous and Quilombola Students at a Brazilian University. Societies, v. 14, n. 9, p. 189, 2024. DOI: 10.3390/soc14090189.

MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

MCGEE, E. O. Interrogating Structural Racism in STEM Higher Education. Educational Researcher, v. 49, n. 9, p. 633-644, 2020. DOI: 10.3102/0013189x20972718.

MUNANGA, K. O mundo e a diversidade: questões em debate. São Paulo: Moderna, 2021.

REISI, D. B.; TENÓRIO, Robinson Moreira. Políticas públicas de acesso e permanência da população negra no ensino superior – um debate em curso. Salvador: Universidade Federal da Bahia (PPGE/UFBA), [s.d.].

RIBEIRO, B.; VIEIRA, P. Racial Affirmative Action and the Consensus on Phenotypic Hetero-Identification: Notes on the State Universities of the Brazilian Midwest. Science Research, v.12, n. 4, p. 74-85, 2024. DOI: 10.11648/j.sr.20241204.12.

UFJF - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Desafios do acesso e da permanência de negros nas Universidades. Notícias UFJF. 2018. Disponível em:

<https://www2.ufjf.br/noticias/2018/11/14/desafios-do-acesso-e-da-permanencia-de-negros-nas-universidades/>

SALES, M. A. F. Heteroidentificação: uma política afirmativa. In: Daniel Luciano Gevehr. (Org.). Raça, Etnia e Gênero: questões do tempo presente. 1ed. Guarujá: Editora Científica, 2022, v. 1, p. 197-206. Disponível em <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207603>; Acessado em

30/03/2025.

SANTANA, J. C. Quota Law, Policies of (In)Visibility and Decolonial Citizenships. Educação & Realidade, v. 48, 2023. DOI: 10.1590/2175-6236122396vs02.

SIGEPE LEGIS - LEGISLAÇÃO DE PESSOAL. Portaria Normativa 4/2018. 2023. Disponível em <https://legis.sigepe.gov.br/legis/detalhar/14766>; Acessado em 27/04/2025.

SOUSA, A. M., LIMA, M. S., & SOUSA, L. M. (2021). Estudantes quilombolas na Educação Superior: políticas afirmativas de acesso e permanência. SciELO

SILVA, P. B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC/SECADI, 2003. p. 67-90.

SOUSA, A. M., LIMA, M. S., SOUSA, L. M. Estudantes quilombolas na Educação Superior: políticas afirmativas de acesso e permanência. SciELO Brazil. 2021. Disponível <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/vwpZv6TJ3cbjPKrnpzTvdZw/>. Acesso em: 27 abr. 2025."

CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE NOS CAMPOS DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA, CIÊNCIAS HUMANAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

BOMFIM, Filomena Maria Avelina; BRANCAGLIÃO, Débora e CAETANO, Thiago Luiz Guimarães
UFSJ - PIPAUS

fmabomfim@ufs.ju.edu.br; brancdebora@gmail.com; thiagollguima@gmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas

A sustentabilidade é um campo que atende demandas atuais a fim de minimizar impactos prejudiciais para o futuro, buscando harmonia entre a sociedade e o planeta. O objetivo geral deste trabalho é demonstrar como a sustentabilidade constitui um campo interconectado de saberes e como esta perspectiva contribui para uma visão crítica e ampliada. A sustentabilidade é um conceito que se refere à capacidade de satisfazer as necessidades presentes sem comprometer as futuras gerações, esse debate, ganhou força na Conferência de Estocolmo (1972) e se firmou com o Relatório Brundtland (1987), que definiu o desenvolvimento sustentável em termos sociais, econômicos e ambientais. Conferências posteriores, como Rio 92, Rio+10 e Rio+20 trouxeram uma visão ampliada sobre o tema, revelando que a sustentabilidade é complexa e exige uma análise completa e integrada.

A metodologia utilizada neste trabalho pautou-se inicialmente em analisar os diversos conceitos referentes ao tema sustentabilidade. Foram analisadas as contribuições das Ciências Humanas com ênfase na Filosofia. No campo das Ciências Sociais, destaca-se a abordagem da Sociologia, que traz reflexões pertinentes sobre o conceito da sustentabilidade. Entre as Ciências da Natureza, destaca-se a interpretação de sustentabilidade dentro da Geologia, Biologia e Química. Cada uma delas apresenta uma aplicação para a sustentabilidade de acordo com suas compreensões. Trata-se, portanto, de uma metodologia de caráter qualitativo e exploratório, com base em revisão bibliográfica. A partir da análise das mais diversas áreas da ciências e seus entendimentos sobre sustentabilidade foi possível apresentar a pluralidade não só do tema, como de suas conceituações, permitindo uma amplitude de possibilidades de discussões e debates.

Nas Ciências da Natureza, a Biologia nos revela como os seres vivos interagem com o ambiente sendo crucial para compreender os danos e a perda da biodiversidade, a poluição e também mudanças climáticas. A Geologia analisa a estrutura da terra e auxilia no planejamento urbano, na exploração de minerais e na gestão dos riscos ambientais. A Química, através da Química Verde, incentiva práticas de Desenvolvimento Sustentável (ODS) definidos pela ONU na Agenda 2030. A Física, focada em energia limpa e eficiência, pode oferecer soluções tecnológicas e conhecimento sobre os processos naturais e seus efeitos no meio ambiente.

Nas ciências Humanas, a sustentabilidade se conecta com a cultura, ética e a individualidade. A Filosofia, com pensadores como Hans Jonas, propõe uma ética de

responsabilidade entre gerações. A História revela como as ações humanas já afetaram o meio ambiente. A Geografia compreende o território como um espaço de interação entre sociedade e natureza e valoriza as práticas sustentáveis de povos tradicionais. Nas Ciências Sociais, a Sociologia estuda fenômenos sociais e desenvolveu a “sociologia da sustentabilidade” que analisa impactos socioambientais nas ações humanas. A Ciência Política, pesquisa o poder e disputas sobre o meio ambiente, e por fim, a Antropologia traz conhecimento sobre as diferentes formas de vida e como elas estão se relacionando com o meio, especialmente a Antropologia Ecológica.

Assim, a sustentabilidade é um campo interconectado de saberes, a filosofia da complexidade de Edgar Morin, o pensamento sistêmico de Fritjof Capra e a autopoiese de Humberto Maturana reforçam conceitos da abordagem inter e transdisciplinar. Enrique Leff propõe na racionalidade ambiental a união de saberes científicos tradicionais e políticos. A arte e a urbanidade surgem então como locais para refletir e agir sobre a sustentabilidade, com práticas artísticas que oferecem experiências sensíveis e questionadoras. Autores como Suely Rolnik, Nicolas Bourriaud e artistas como Jaider Esbell mostram como a arte inspira novas ideias e ações sustentáveis.

Conclui-se, portanto, que a reflexão sobre sustentabilidade é um campo integrado de saberes, que busca modificar os modos de ver e viver no planeta. A expectativa desse trabalho é conseguir expandir as possibilidades de interpretação e análise referente à sustentabilidade com o intuito de enriquecer e ampliar a conceituação do termo, permitindo assim uma melhor compreensão e aplicação.

Dentro do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, PIPAUS, a sustentabilidade é um dos três pilares de análise e pesquisa, assim como as artes e urbanidades. A pluralidade na conceituação de sustentabilidade valoriza a riqueza de possibilidades e aprofundamento do conceito, em acordo com as diversas potencialidades do Programa. Compreender a sustentabilidade a partir de outras perspectivas é enriquecer suas potencialidades de uso e método.

CIDADES SUSTENTÁVEIS E LINGUAGEM: A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL PARA CIDADES MAIS HUMANAS

FRANCELINO, Delton Mendes; PORTO, Maria Eduarda Malvar e SIQUEIRA, Adilson
Casa da Ciência e da Cultura de Barbacena
deltonmusica@gmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas

A crescente urbanização global impõe desafios complexos às cidades, que, para se tornarem sustentáveis, precisam integrar dimensões sociais, ambientais, econômicas e culturais. Neste cenário, o acesso equitativo às línguas e a valorização do multilinguismo emergem como condições fundamentais para o diálogo, a cooperação e as trocas interculturais. O presente artigo adota a perspectiva da ecologia urbana de Francelino(2023), compreendendo a cidade como um ecossistema de relações que articula práticas sociais, comunicação e sustentabilidade. Utiliza também os conceitos de língua franca em Moita Lopes (2014), que reconhece o papel do inglês como meio de interação transnacional, e a abordagem de sustentabilidade cultural proposta por Kagan (2010), que considera a diversidade cultural um eixo estruturante das cidades resilientes.

Um dos resultados mais relevantes da pesquisa é a constatação de que a interculturalidade e a multiculturalidade são fatores estruturantes da vida urbana contemporânea. A pandemia da COVID-19 evidenciou essa condição: a comunidade internacional foi capaz de compartilhar dados científicos, práticas sanitárias e medidas de contenção graças ao uso ampliado do inglês como língua franca, promovendo ações coordenadas de alcance global. Assim, o artigo argumenta que políticas urbanas sustentáveis devem incorporar o acesso linguístico como direito fundamental, ampliando as possibilidades de comunicação e colaboração entre povos diversos.

A promoção de ambientes urbanos linguisticamente acessíveis é essencial para fortalecer a inclusão de migrantes, refugiados e comunidades tradicionalmente marginalizadas. O planejamento urbano precisa considerar a pluralidade linguística como um recurso estratégico e não como um obstáculo. Isso implica, por exemplo, em políticas públicas voltadas para a tradução de serviços essenciais, educação multilíngue, sinalização urbana acessível e incentivo à produção cultural em diferentes línguas. A convivência entre línguas e culturas distintas deve ser entendida como uma fonte de inovação social, que enriquece os repertórios culturais das cidades e potencializa soluções colaborativas para os desafios urbanos.

Do ponto de vista da ecologia urbana, a linguagem é um dos elementos que estruturam as dinâmicas de convivência e pertencimento. Ao reconhecer que a cidade é também uma ecologia de vozes, sons e narrativas, amplia-se a noção de sustentabilidade para além dos aspectos físicos e ambientais, incluindo as redes simbólicas e comunicativas que sustentam a vida coletiva. Assim, uma cidade sustentável é, antes de

tudo, uma cidade dialógica — que acolhe, escuta e dá lugar às múltiplas formas de expressão dos seus habitantes.

Por fim, reafirma-se a necessidade de repensar as cidades como territórios de trocas interculturais, onde o multilinguismo seja promovido como uma prática cotidiana e um direito humano. Ao integrar a diversidade linguística às políticas de sustentabilidade urbana, é possível avançar na construção de cidades mais inclusivas, resilientes e justas, alinhadas com os princípios da Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial os que tratam de educação de qualidade, redução das desigualdades e promoção de sociedades pacíficas e inclusivas.

A CULTURA NA PRAÇA DO ROSÁRIO EM LAVRAS, MG: A RELAÇÃO DO ESPAÇO COM O MUNICÍPIO

VILAS BOAS, Julia de Brito e TARGA, Leandro Garcez

Universidade Federal de São João del-Rei

juliab.vboas@gmail.com, leandro.g.targa@gmail.com

Linha: Processo de Difusão - Popularização, Educação e Aplicabilidade
Palavras-chave: Cultura, Cidade, Políticas Públicas

O presente artigo compreende o primeiro capítulo da pesquisa de mestrado “Políticas Públicas de Cultura na Praça do Rosário em Lavras/MG: análise das disputas dos campos político e burocrático”. Este capítulo tem como objetivo analisar a formação social e espacial da cidade de Lavras – MG sob a luz da teoria bourdieusiana. A análise aborda o processo histórico de ocupação, disputa e dominação no território desde a presença dos povos originários, vinculados à tradição Aratu-Sapucai, passando pelo período de colonização, até a consolidação do espaço urbano no século XX. O recorte espacial do estudo se concentra na atual Praça Dr. Augusto Silva, tradicionalmente conhecida como Praça do Rosário, ponto de partida para o processo de urbanização e lugar simbólico de disputas na cidade. A partir dos conceitos de campo, habitus, capitais, estrutura e dominação, desenvolvidos por Pierre Bourdieu, o capítulo propõe uma leitura do território como produto das relações de poder historicamente construídas. A materialização das desigualdades sociais e simbólicas no espaço urbano refletem as estruturas de dominação, que se traduzem em disputas pelo uso e pela significação do espaço público urbano. Fatos históricos como a demolição da Capela do rosário, a construção da praça enquanto jardim e as sucessivas discussões sobre o controle do seu uso, por exemplo, refletem tentativas históricas de normatização do comportamento e exclusão simbólica de determinados grupos sociais e culturais que não são legitimados pela estrutura. Assim, o território é compreendido não apenas como espaço físico, mas como arena de disputas sociais entre agentes, que são dotados de diferentes capitais e relações, cujas ações determinam e são determinadas pela estrutura social. A análise da formação da Praça do Rosário, portanto, revela como o espaço urbano e sua organização se apresentam enquanto um produto da estrutura, ao mesmo tempo em que contribui para a normalização e reprodução das desigualdades e da hierarquia social.

A REPETIÇÃO COMO PRINCÍPIO ESTÉTICO E DESESTABILIZADOR NA MÚSICA, ARTE E CULTURA

PAZ, Giovanna e JORDÃO, Matheus
Universidade Federal de São João Del Rei
giovannapaz.16@gmail.com

Linha: Processos criativos

A repetição, definida como o ato de reiterar um elemento no tempo ou no espaço, constitui um conceito fundamental e um recurso ubíquo, presente tanto nos padrões fractais e ciclos biológicos da natureza quanto nas manifestações culturais e artísticas — de produções musicais a rituais e tapeçarias. Além de operar como princípio estético e organizador, atua também como força desestabilizadora de narrativas lineares, propondo alternativas à compreensão tradicional do tempo e da narrativa. Neste trabalho, analisamos seu uso em diferentes contextos — da repetição orgânica, observada na natureza, à artificial, como sinal tecnográfico — destacando tanto manifestações implícitas quanto aquelas explicitamente reconhecidas como repetitivas, com ênfase em sua função na música, especialmente por meio da estrutura em loop.

A primeira parte do artigo explora expressões da repetição em diversas culturas, com foco em tradições não ocidentais, onde padrões cíclicos e rítmicos constituem a base de práticas artísticas e coletivas. Contrastamos essas formas com o modelo ocidental moderno, que frequentemente marginalizou a repetição em nome de uma estética progressiva e linear, associada ao ideal de desenvolvimento narrativo. A repetição, historicamente tratada como recurso “menor” por uma crítica eurocêntrica, revela-se, ao contrário, uma estratégia sofisticada de organização estética e de produção de sentido.

Na sequência, o estudo se volta ao loop, entendido como repetição contínua e programada, mediada por tecnologias digitais. Analisamos o loop como estrutura composicional e dispositivo perceptivo que rompe com a linearidade e favorece experiências imersivas e não narrativas. Artistas como Steve Reich e Rebecca Allen são apresentados como exemplos do uso consciente da repetição como estratégia estética de ruptura.

Por fim, examinamos o papel do loop na música contemporânea, abrangendo desde práticas experimentais até gêneros populares como rap, funk e música eletrônica. A repetição é discutida não apenas como base estrutural, mas também como elemento expressivo que amplia a percepção do tempo e da escuta. O estudo se estende a outras linguagens, como o cinema, a dança e a poesia concreta, evidenciando a repetição como operador estético e força desestabilizadora da narrativa linear.

UNIÃO EUROPEIA: O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL E A HARMONIZAÇÃO DE POLÍTICAS AMBIENTAIS ENTRE SEUS ESTADOS-MEMBROS

FRANCELINO, Delton Mendes; PEREIRA, Laynara Patrícia Ribeiro
Casa da Ciência e da Cultura
deltonmusica@gmail.com; laynara.patricia05@gmail.com

Linha: Recepção, crítica e experiência - Narrativas contemporâneas
Palavras-chave: União Europeia; Integração Regional; spillover; Políticas ambientais.

As transformações no continente europeu após a Segunda Guerra Mundial promoveram um aprofundamento nas relações de cooperação entre os Estados da região. Este processo começou com acordos econômicos que tinham como objetivo garantir a paz e a estabilidade regional através da criação de uma Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) em 1951 e, posteriormente, no desenvolvimento da Comunidade Econômica Europeia (CEE) em 1957. No decorrer dos anos, esses acordos evoluíram para uma integração mais sólida, resultando assim na formação da União Europeia (UE) em 1993. A UE é um modelo complexo de integração regional que engloba não apenas os setores econômicos, mas também políticos, sociais e ambientais. À vista disso, este estudo buscou analisar o processo de integração regional da União Europeia e seu impacto na formulação e implementação de políticas ambientais entre os seus Estados-Membros. A análise foi conduzida sob a perspectiva da abordagem neofuncionalista das teorias de integração regional, que discorre sobre o conceito de "spillover", ou transbordamento, processo no qual a integração iniciada em um setor específico tende a se expandir gradativamente para outros setores. No caso da União Europeia, a integração econômica estabeleceu a base para o desenvolvimento de políticas coordenadas em diversas áreas, incluindo a ambiental. Desse modo, foi utilizado como método a abordagem qualitativa e, por meio da análise de conteúdo, analisou-se documentos oficiais da UE, como tratados e legislações ambientais, além de literatura acadêmica de autores clássicos das teorias de integração regional e artigos científicos que discorrem sobre o tema. Foi possível verificar que a incorporação de políticas ambientais nos Estados-Membros da UE foi facilitada pela consolidação das instituições supranacionais, especialmente após a formação do seu arranjo institucional e a inclusão de princípios de desenvolvimento sustentável no quadro normativo do bloco. Concluiu-se que a UE é um exemplo significativo de como a integração regional pode promover a harmonização de políticas públicas ambientais em nível regional. No entanto, mesmo com o progresso na área ambiental, ainda há desafios na implementação dessas políticas a nível doméstico, devido às diferenças de aplicação das normas entre os Estados-Membros e às divergências de interesses entre os setores econômicos e ambientais.



SIPAUS